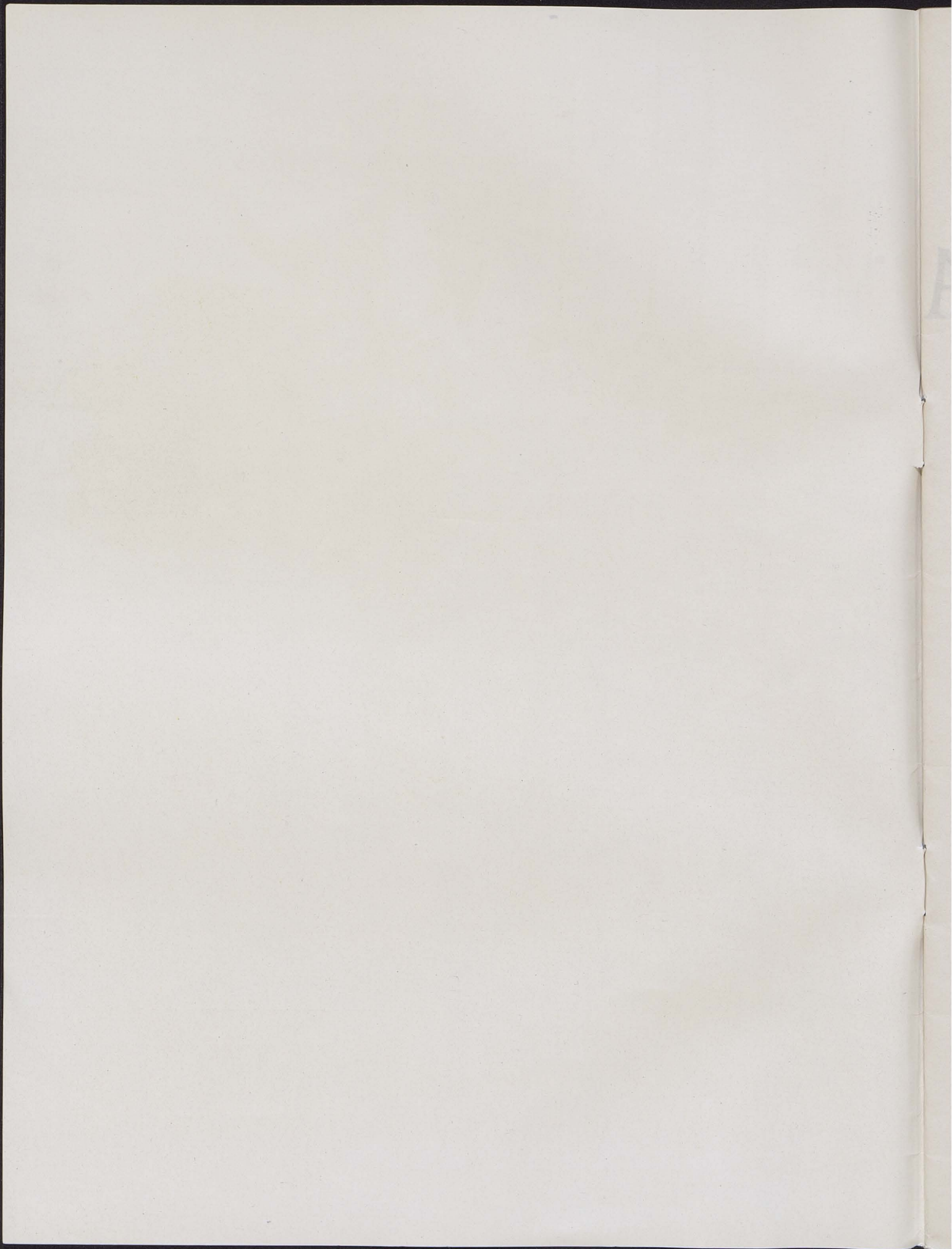




# A LIAHONA

*Junho de 1966*



# A LIAHONA

**Editor:**

Hélio da Rocha Camargo

**Redatôra:**

Laís N. Manzotti

**Fotógrafos:**

Wayne M. Beck  
Rui Marques Bronze

**Tradutores:**

Isabel Peixoto Gaertner  
José Vieira Neto  
Merly Pikel  
Mirna Teixeira  
Regina Kauag  
Tereza Cristina da Rocha Costa

\*

A Revista *A Liahona*, editada pelo *Centro Editorial Brasileiro*, é o órgão oficial em língua portuguesa da estaca e missões brasileiras de *A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*. Acha-se registrada sob número 93 do Livro B, nº 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto nº 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Editôra Gráfica Rossolillo Ltda. — Rua Rui Barbosa, 333, São Paulo.

\*

*Centro Editorial Brasileiro*: R. Afonso Braz, 464, 3º, cj. 31 — São Paulo, SP.  
*Missão Brasileira*: R. Henrique Monteiro, 215 — C.P. 862, São Paulo, SP. — fone 80-4638.  
*Missão Brasileira do Sul*: R. General Carneiro, 490 — C.P. 778, Curitiba — PR — fone 4-8016.

\*

Os artigos desta edição foram traduzidos de *The Improvement Era*, *The Instructor*, *The Relief Society Magazine* e *The Children's Friend*.

\*

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pelo editor.

\*

**PREÇOS:**

Exterior: Ano ..... US\$ 4.00  
Brasil: Ano ..... Cr\$ 3.000  
Exemplar: ..... Cr\$ 300

JUNHO DE 1966 — VOL. XX — N.º 6

**Nossa capa:** Feira nordestina, onde são colocados à venda os pitorescos produtos do artesanato local. Foto do Irmão Milton Soares, Presidente do Distrito de Recife.



**São Paulo, a primeira Estaca da América do Sul** 10  
Com a presença de várias autoridades, deu-se o acontecimento há muito esperado pelos SUD brasileiros.

**A partir de Cumorah** 16  
Com esta série, passamos a publicar na *Liahona* a seção intitulada **Ciência e Religião**. Esses interessantíssimos artigos, escritos por Hugh Nibley, focalizam o surgimento de novos manuscritos bastante relacionados a Cumorah. A certo ponto da narrativa, nos diz o autor: "Chegou o momento de os santos dos últimos dias voltarem suas atenções aos documentos judaicos e cristãos..."

**SEÇÕES**

Mensagem de Inspiração	4
Escola Dominical	6
Sacerdócio de Melquisedeque	9
Jóias do Pensamento	12
Sacerdócio Aarônico	13
Página Feminina	14
Juventude da Promessa	25
Meu Cantinho	30
Programa Noite Familiar	31

# O REINO DAS



*Mensagem*

*de*

*Inspiração*

*Presidente  
David O. McKay*

Estamos vivendo em uma época de mudança. E como estamos rodeados por tudo isso, nem sempre percebemos ou discernimos o momento em que tais mudanças se processam. Notei isto, em agosto de 1963, viajando ao torrão natal de minha mãe, o País de Gales, quando ali fui com o fim de dedicar uma capela. Os meios de transporte modificaram-se completamente. Sessenta anos antes eu havia cruzado o oceano até a Grã-Bretanha, viajando num navio a vapor. Levei, se não me falha a memória, sete dias e meio, saindo de Filadélfia.

Há três anos atrás, viajamos esta mesma distância em seis horas e meia, partindo de Nova York. Analisemos bem o progresso e as mudanças ocorridas durante esses 66 anos!

Uma das mudanças que nestes dois terços de século bem se faz sentir é a posição da mulher. Não acho viável haver objeções de as mulheres participarem ativamente nos campos da literatura, artes, ciência, sociologia econômica, educação, no progresso em geral e especialmente no magistério; ou que participem de todas as atividades que

contribuam para a realização completa de sua feminilidade e aumentem, assim, a influência edificante que exercem no mundo; entretanto, existem três áreas em que a influência das mulheres sempre se fará sentir. Não importa as mudanças que ocorram, esses reinos sempre serão dominados pela beleza, virtude e inteligência femininas. O primeiro é o reino do lar. A seguir, o da orientação e o terceiro é o reino da assistência aos necessitados.

Não há necessidade de nos convenceremos sobre a força do lar na modelação do caráter. Todas as nossas experiências podem ser esquecidas, porém as da infância permanecerão indelévels nos recessos da memória.

O mais nobre ideal para as nossas jovens e mães de hoje, como também para as avós e bisavós de outrora, tem sido o amor que se expressa na organização e arranjos do lar e nas virtudes onde esse amor pode encontrar expressão autêntica. Todas essas coisas baseiam-se no lado espiritual do nosso ser e não no lado físico.

Uma das maiores necessidades do mundo atual é a de se exercer a maternidade de modo inteligente e consciencioso. Para o lar é que devem convergir as nossas atenções, a fim de instilar as virtudes fundamentais que contribuirão para o bem-estar e felicidade humanos.

A feminilidade deve ser inteligente e pura, justamente por ser a fonte vital de onde provêm as águas do regato humano. Aquela que poluir tal regato ao fumar, ao usar drogas venenosas ou germens que impedem o nascimento de outros seres, é desleal ao seu sexo e inimiga das forças perpetuadoras na humanidade.

As leis da vida e a palavra revelada de Deus combinam-se para conferir à maternidade e à paternidade a responsabilidade de propiciar aos filhos, não só um nascimento puro e natural, mas também o treinamento da fé e retidão. As crianças precisam ser ensinadas "a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, do batismo e do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, ao alcançarem os oito anos..." Aos que negligenciarem estas coisas, quer por preceito ou pelo exemplo, Doutrina e Convênios admoesta, "... sobre a cabeça dos pais seja o pecado." (D&C 68:25)

Parece que há uma onda de descrença em Deus varrendo as nações da terra no presente momento, desrespeitando acórdos e combatendo a honestidade, tanto pessoal

# AS MULHERES

como de cunho civil e internacional. E por isso há um retrocesso que remonta às leis e regras da selva, cujo predomínio é a força bruta.

Não é somente a mãe que pode exercer sua influência como professôra. Freqüentemente as tias solteiras conseguem exercer influência maior do que as mães; mas apesar do seu labor, "suas radiantes esperanças, silenciosos sacrifícios, suas meditações em isolamento e suas ambições vicárias, recebem rara vez a atenção do biógrafo ou do historiador. Modelando e aperfeiçoando a matéria prima que encontram nos sobrinhos, é-lhes exigido viver, trabalhar e mesmo morrer sem louvor algum."

Assim escreve Phillips Russel no seu comentário sobre a influência de Mary Moody Emerson na vida de Ralph Waldo Emerson.

Convido-os a lerem a biografia de Emerson e a observarem as influências da tia ao modelar o curso de sua vida, transformando-o do menino doentio que era, em um dos reconhecidamente maiores pensadores de toda a América.

E agora, na qualidade de professor, gostaria de me dirigir às jovens. Se pudesse ajudá-las a perceber que estão vivendo num reino onde exercem poder, modelando o destino de outros adolescentes, isto seria maravilhoso para a sociedade. Não sei como poderei fazê-lo, no entanto, oferecerei uma sugestão. Uma das maiores salvaguardas das adolescentes é a consciência de que suas palavras e atos contribuem para o aprimoramento ou para a degradação da sociedade — e que, quando se protegem ou se defendem das investidas ardilosas de um jovem pouco escrupuloso, dignificam a si mesmas e às mulheres em geral, muito mais pela resistência do que pela indulgência. Poderão agir sem responder às suas palavras de amor fingido, expressando-se da seguinte maneira: "Nenhum homem injuria aquela a quem ama." Portanto, tornam-se não sedutoras, mas educadoras, cujo chamado lhes é natural e nobre.

Depois da maternidade e da educação, a mulher alcança sua mais alta glória no reino da assistência social. Um dos mais expressivos exemplos na Bíblia é a história relatada por Lucas:

"E aconteceu naqueles dias que enfermando, ela morreu; e tendo-a lavado a depositaram num quarto alto.

"E como Lida era perto de Jope, ouvindo os discípulos que Pedro estava ali, lhe mandaram dois varões, rogando-lhe que não se demorasse em vir ter com eles.

"E, levantando-se Pedro, foi com eles, e quando chegou o levaram ao quarto alto, chorando e mostrando as túnicas e vestidos que Dorcas fizera quando estava com elas.

"Mas Pedro, fazendo-as sair a tôdas, pôs-se de joelhos e orou; e, voltando-se para o corpo, disse: Tabita, levanta-te. E ela abriu os olhos e vendo a Pedro assentou-se.

"E êle dando-lhe a mão a levantou e, chamando os santos e as viúvas apresentou-lha viva." (Atos 9:37-41)

Que história encerra-se nestas poucas palavras! Esta cena faz-nos subentender os generosos serviços de assistência prestados pelas mulheres da Igreja primitiva.

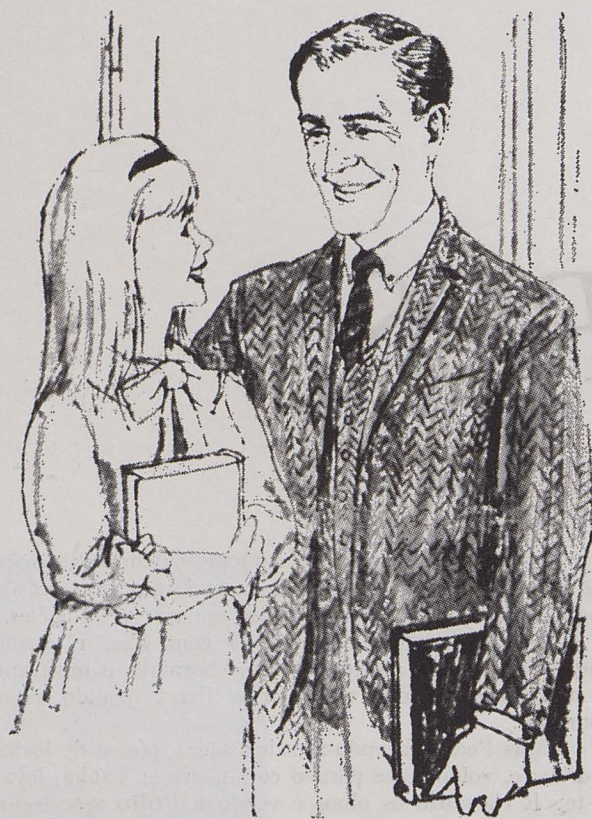
O desejo de servir aos feridos, enfermos e moribundos deu ao mundo atual uma das mais potentes organizações femininas. Refiro-me à Associação da Cruz Vermelha. A árvore cujos frutos beneficentes se espalham por tôdas as terras brotou da semente do amor compassivo do coração de Florence Nightingale. (NT: No Brasil Ana Neri é nome exponencial nesse campo feminino.)

Gostaria de frisar bem que o reino das mulheres não é o mesmo dos homens, apesar de igualmente importante e extenso. E embora as mulheres primem por excelência nas diversas vocações que eram consideradas outrora apenas atividades masculinas, a maior harmonia e felicidade da vida serão encontradas quando a espécie feminina fôr auxiliada e magnificada nas esferas em que Deus e a natureza a destinaram a servir com prodigalidade.

Mencionei três reinos femininos. Existem, por certo, muitos mais, porém quanto mais os homens as honrarem nestes três, mais felizes serão eles, as próprias mulheres e as crianças do mundo inteiro.

Nada há de mais admirável na vida do que a masculinidade; nada há de mais sagrado do que a feminilidade autêntica.

A mulher bela, modesta e graciosa é a obra-prima da criação. Quando, aliadas a essas virtudes a mulher possuir a estrêla guia da retidão, a semelhança com Deus, e um irresistível impulso e desejo de tornar os outros felizes, ninguém a impedirá de ser classificada entre os considerados realmente grandes.



Elder Paul H. Dunn  
do Primeiro Conselho dos Setentas

## ESCOLA DOMINICAL

Nos contatos entre mestre e alunos da Escola Dominical, o professor torna-se

### O Pastor do Espírito

Enquanto dirigia o programa do instituto religioso da Califórnia do Sul, há alguns anos atrás, fui convidado a investigar a origem do problema entre os jovens de cinco estacas. Por que perderiam eles o interesse? O que faz com que as pessoas percam o testemunho do evangelho, particularmente em seus anos de formação? Indaguei desses jovens de 15 a 25 anos: "Por que vocês não têm vindo mais à Igreja?"

Das 500 respostas, muitas por sinal bem francas, notei que tôdas as desculpas poderiam ser classificadas em uma destas duas categorias. A primeira poderíamos classificar de *liderança* e a outra de *ensino*. Em outras palavras, estou seguro de que tôdas as desculpas que você, como oficial da Escola Dominical já ouviu, incluem-se nessas 500 respostas e eu as colocaria nessas duas categorias.

Há certas contestações como estas: "O professor não sabe mais do que eu sobre o assunto e com isso não estou aprendendo coisa alguma." "A aula não é bem dirigida." "É uma chateação." "Eles não estão preparados."

Recordo-me de uma resposta que me foi particularmente franca, visto que a pessoa que a escreveu foi bastante ousada para assinar o nome, embora eu não houvesse pedido isso. Um jovem de 18 anos, que nascera e crescera na Igreja, afirmou com simplicidade, "Nunca sentí o espírito de adoração numa capela SUD." Depois assinou seu nome e acrescentou um pós-escrito: "Espero que o bispo considere esse fato e deixe de me amolar."

#### Liderança, Facilidades e Material

No esforço de analisar respostas desse tipo através dos anos, descobri que há realmente três áreas básicas que precisamos considerar e que certamente não são novas: Primeiro, liderança ou administração da ED; segundo, professores; e terceiro, aprendizes ou alunos.

Gostaria de sugerir aos oficiais e superintendentes que se tornassem mais sensíveis às necessidades que facilitam o aprendizado nos diversos níveis e que disponham do material de ensino necessário.

Suponho que não haja um só professor na ED que não sinta freqüentemente certa insuficiência quanto à espécie de facilidades que dispõem para melhor rendimento de seu trabalho.

Durante os diversos anos que sou professor da ED, uma das grandes preocupações sentidas por mim era a de tentar criar a devida atmosfera, promover compreensão e a afinidade necessária em minha classe. Posso avaliar agora que com uma igreja em expansão, como a nossa, muitas vezes temos de fazer com que tudo "dê certo e saia bem." Entretanto, realizei experiências que podem facilitar o aprendizado em maior escala que a normal. Creio mesmo que essa responsabilidade repousa primeiramente sobre a nossa superintendência, a fim de recomendarem, dirigirem e aconselharem aqueles que podem corrigir as falhas.

Há alguns anos atrás fui convidado a dirigir uma classe de 35 adolescentes, com cerca de 28 que a frequentavam regularmente. Estávamos com falta de salas de aula e ficou decidido que minha classe funcionaria num grande patamar, o que se constituiu em um desafio, particularmente quando a superintendência e os membros de outras classes nos olhavam espantados, tal como os filhos de Israel no deserto. Para qualquer professor inspirar, dirigir, controlar e realizar o que o Senhor pede de nós quanto a êstes objetivos tão elevados, é necessário, penso eu, uma séria consideração por parte dos líderes que devem promover as facilidades adequadas e o clima propício ao desenvolvimento da aula.

Permitam também que eu sugira aos líderes da ED que levem em conta a necessidade de respeitar o tempo concedido ao professor. Quantas vezes literalmente enfraquecemos nosso programa ao falhar na seqüência da apresentação! Mais de uma vez permaneci de pé em frente à classe, pronto para encenar aquilo que eu esperava ser uma experiência religiosa, quando fui interrompido por alguém que abria a porta a fim de anunciar algo. Em determinada ocasião, levei 15 a 20 minutos para alcançar o climax da lição, quando a porta se abriu e certo oficial colocou a cabeça dentro da sala, dizendo, "Irmão, precisamos de você para um discursinho de 2.1/2 minutos na próxima semana."

Mesmo que eu tentasse, não poderia reconquistar o ambiente existente antes de sua entrada. Criar o clima apropriado é tão importante quanto aquilo que nos esforçamos para transmitir quando ensinamos.

O que estou afirmando, irmãos e irmãs, líderes e professores, é que religião, como disse um grande pensador, "é alcançada, não ensinada." Nada ensinamos a ninguém; meramente preparamos o terreno em que os estudantes possam interpretar, sentir e vir a conhecer que estas coisas transmitidas são realmente verdadeiras. Sugiro que os superintendentes e líderes da Escola Dominical percebam a responsabilidade da obtenção do clima, facilidades disponíveis e material necessário, a fim de proporcionarem o ambiente adequado para um ensino eficiente.

#### **Há necessidade de que os professores compreendam cada aluno**

Aos professores do magnífico programa da Escola Dominical, gostaria de ressaltar uma ou duas observações. Um dos mais importantes e fundamentais princípios do ensino, considero eu — deixando tudo o mais de lado, exceto a obtenção do bom êxito — é a necessidade que cada um dos mestres tem, a fim de compreender na íntegra cada um dos alunos sentados à sua frente. Todo treino acadêmico do mundo falhará se deixarmos de considerar a individualidade dos alunos. Peço licença para relatar novamente uma experiência pessoal:

Como pai, tenho tido meus desafios na educação dos espíritos encantadores que foram enviados ao meu lar. Cerca de dois ou três anos atrás, quando pertencíamos a uma outra estaca, uma de minhas filhas perguntou-me: "Será que tenho de ir à Igreja hoje, hein, papai?"

Ela sabia qual seria a resposta. Eu lhe disse, "Bem, você sabe onde é o lugar certo de ir."

"Eu sei, papai, mas acho que lucraria mais se ficasse em casa assistindo televisão."

"O que está acontecendo?", perguntei.

Então ela narrou alguns fatos que a preocupavam em sua classe da Escola Dominical e acabei descobrindo que, por melhor que fôsse a professora, falhara em considerar as necessidades básicas desta criança e em compreendê-la em sua individualidade. Mas afirmo que minha filha é um desafio, independente de quem seja a professora. Entretanto, contrastemos essa história com a deliciosa experiência da semana passada. Minha filha levantou-se meia hora antes do que devia e ocupou-se de alguma coisa sem a ajuda de papai e mamãe. Quando perguntei o que estava fazendo, disse, "Você sabe o que estamos fazendo na Escola Dominical, papai?" Então me contou sua emoção ao sentar-se com a referida professora durante quarenta minutos cada semana. Como era natural, eu desejava saber o que a fizera mudar de atitude. Ela prosseguiu, "Papai, você sabe o que mais? Minha professora da Escola Dominical gosta tanto de mim que foi até minha escola a semana passada e conversou com os meus professores, a fim de saber mais sobre minha pessoa. Você sabia, papai, que ela descobriu que aprecio música e também gosto de fazer isto?" E mostrou-me o que estava executando para a professora.

Vocês acham que eu poderia interromper a experiência que ela estava tendo em classe? A motivação e o interesse eram naturais.

Admito que por mais importante que seja o currículo, reforçado pelo testemunho, compete aos professores tomar conhecimento mais íntimo da vida, problemas, preocupações e interesses de cada pessoa que se senta em sua presença nos poucos minutos de duração da aula.

#### **A oração secreta é vital**

Gostaria de sugerir que cada professor aliasse a preparação a uma secreta e sagrada oração.

Tenho tido a oportunidade de trabalhar em muitos programas auxiliares da Igreja, e observei diversos tipos de professores. Usando ou não da preparação como norma, percebi que pode haver três tipos de mestres. O primeiro é o gigante acadêmico, e não quero dizer, com isso, que o treino e a preparação devem ser reduzidos ao mínimo, pois tais atributos são indispensáveis. Mas algumas vezes, os que já possuem um cabedal mais avançado de conhecimento e um traquejo maior, consideram a oração desnecessária. Em muitas ocasiões, no cargo de superintendente, deparei-me com tipos de professores que *sabiam tudo* mas careciam de espiritualidade.

Por outro lado, há professores que deixam tudo para o espírito e nada fazem no campo da preparação. Sugiro, então, que façamos parte do terceiro tipo, combinando os dois primeiros; que preparemo-nos bem e depois nos ajoelhemos e peçamos orientação divina, a qual por direito nos pertence. Nosso Pai Celestial não deixará de nos atender. Trará à nossa lembrança as coisas realmente importantes e nos ajudará a reconhecermos a maneira acertada de as transmitir.

#### **O objetivo deve ser: experiência religiosa**

Um dos maiores desafios do ensino é o fato de que em uma classe de 15, 20 ou 30 alunos, observamos diversas personalidades e assim sendo, é natural que suas neces-

sidades variem. O professor sábio é aquele que seleciona o método ou técnica que alcance cada aluno em seu próprio nível de entendimento.

Apesar do conhecimento dos fatos ser vital, o mesmo não é tão importante como a experiência religiosa. E muitas vezes, mesmo com o esboço já preparado, a tentação e a tendência é de se falar de assuntos secundários.

A razão pela qual os membros freqüentam a ED, descobri, é saber sobre Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo e como a divindade destes três personagens se relacionam a eles próprios (os alunos), e o que podem fazer com o conhecimento adquirido, a fim de modificar suas atitudes e seu comportamento.

Quando eu era criança, tive a oportunidade de ajoelhar-me com minha mãe e meu pai em oração familiar. Morávamos em uma localidade onde não havia ramos da Igreja. Fomos os únicos santos dos últimos dias de nossa comunidade por mais de oito anos. No entanto, graças a esses pais tão sábios, meus irmãos e eu éramos rodeados pelo ambiente da Igreja em nossas noites familiares. Talvez devido ao meu espírito de rebeldia, naquela época não conseguí aprender muitos fatos ou informações sobre o Livro de Mórmon ou outra qualquer obra-padrão. Contudo, obtive essa experiência através de meus pais. Observava meu pai, um homem de negócios capaz, dedicado, provido de equilíbrio espiritual ajoelhar-se e conversar com o Pai Celestial de maneira peculiar, toda sua, partilhando as preocupações de seu coração, falando a respeito dos filhos. Isto causou a mais profunda impressão em minha mente.

Creio que senti, nessa experiência religiosa, a mesma coisa que Enos nos fala a respeito no Livro de Mórmon.

E no campo do ensino, esperei que, como professor, pudesse partilhar com meus alunos os sentimentos mais profundos, bem do âmago do meu ser. Pois que chegou a ocasião de minha vida em que fui afastado daquele ambiente encantador e eu também precisei saber se Deus vivia e se Jesus era realmente o Cristo. Eu já ouvira meus pais falarem sobre esse assunto e como podem perceber, os ensinamentos de meu pai haviam penetrado profundamente em meu coração; assim, chegou a época em que me prostrei de joelhos. A razão de minha atitude foi devida a que, apesar de não possuir testemunho naquela época, eu reconhecia que meu pai sabia que Deus vivia, e eu comeci também a conhecê-lo. Este é o tipo de experiência que precisamos aprender a adquirir.

Resumindo, afirmo que o aluno é mais importante que o esboço a seguir e, às vezes, devemos inverter o processo de ensino.

### A obrigação do aluno

Cada um de nós é um aprendiz. Os representantes do corpo docente da Escola Dominical o são da mesma forma que os que estão sob sua direção. E creio que os alunos têm uma obrigação — e nós, líderes e professores, devemos fazê-los sentir isso — que é a de levar à ED a receptividade necessária, uma visão mais ampla e um desejo sincero de aprender. Mas isto não acontece num abrir e fechar de olhos. Faz parte do processo de ensinar e tem que ser criado, aprendido e desenvolvido. Os nossos estudantes devem ir à ED não só com a idéia de receber, como também contribuir com algo. Às vezes falhamos ao transmitir essa idéia...

### JÓIA SACRAMENTAL

para julho

#### Escola Dominical Sênior

"Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão: porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão." (Exo. 20:7.)

#### Escola Dominical Júnior

"... eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarà em trevas, mas terá a luz da vida." (João 8:12.)

#### Recitação em Conjunto

A ser apresentada dia 7 de agosto:  
Curso 3: "Cremos em Deus, o Pai Eterno e no seu Filho, Jesus Cristo e no Espírito Santo." (1ª Regra de Fé.)

Curso 4: "E se acontecer que, se trabalhades todos os vossos dias proclamando o arrependimento a este povo, e trouxerdes a mim, mesmo que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ela no Reino de meu Pai! E agora, se a vossa alegria for grande

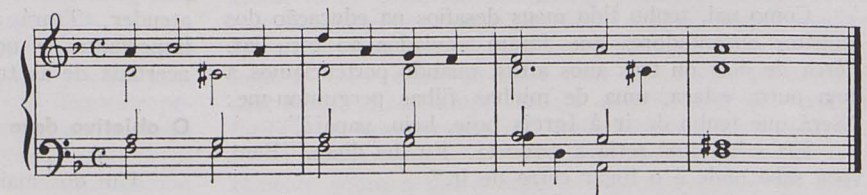
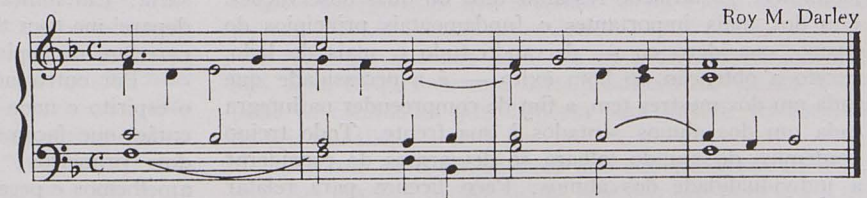
### HINOS DE ENSAIO para julho

#### Escola Dominical Sênior

"Vem à Escola Dominical," n.º 45.

#### Escola Dominical Júnior

"Ante ti, ó Pai," n.º 26, As Crianças Cantam.



com uma só alma que trouxerdes a mim no Reino de meu Pai, quão grande será a vossa alegria se me trouxerdes muitas almas!" (D&C 18:15-16.)



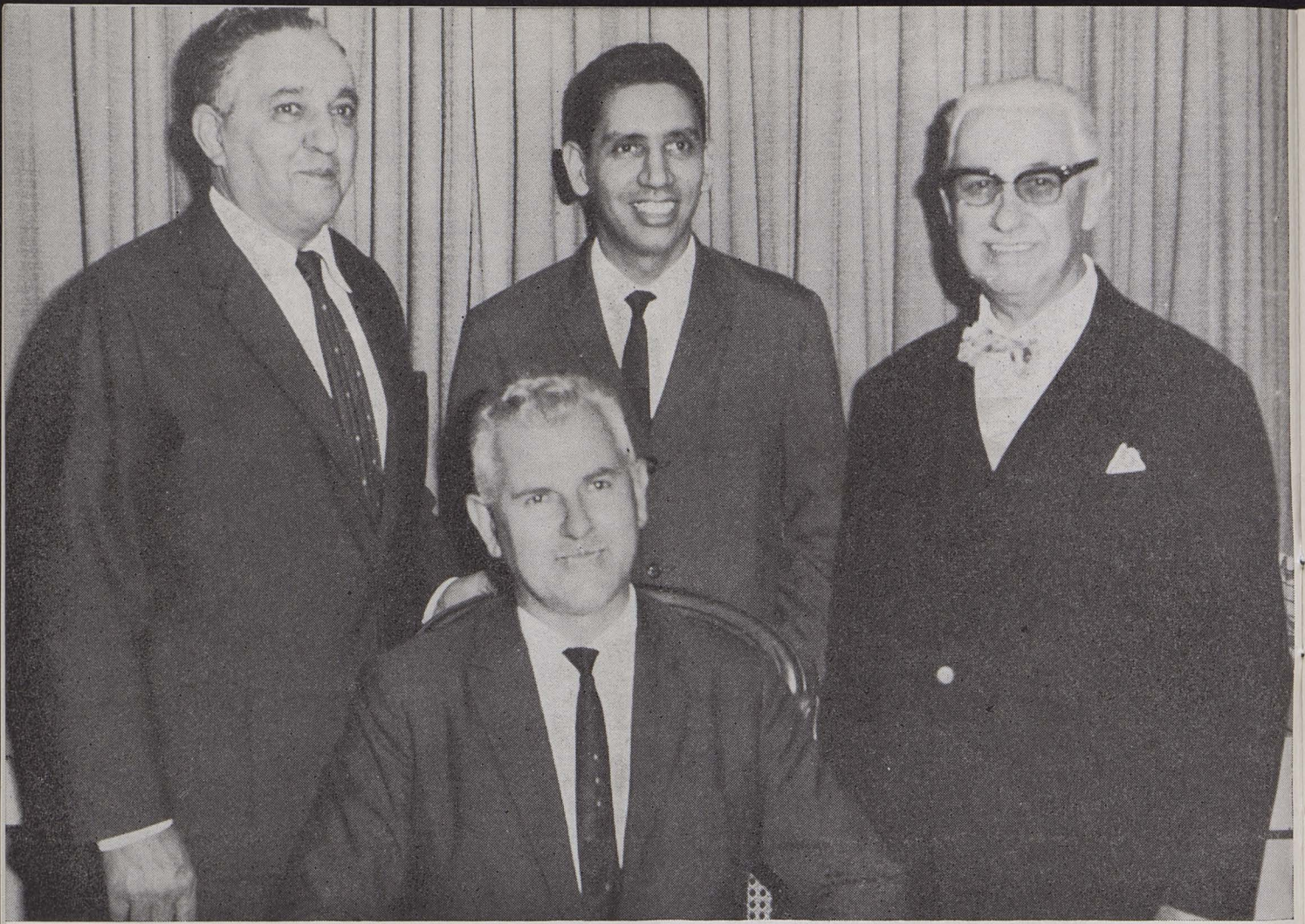
## Restauração a ser comemorada

*No êrmo silente do rio Susquehanna, ao se iniciar o verão de 1829, Pedro Tiago e João, enviados do céu, ordenaram Joseph Smith e Oliver Cowdery ao Sacerdócio de Melquisedeque. Sem dúvida alguma foram mencionados outros assuntos nesse histórico encontro, porém êsse único ato já é de suma importância para todos nós.*

*Dêsse sacerdócio derivam os diversos cargos sob os quais a Igreja funciona, desde élderes até apóstolos. Sua autoridade outorga ao homem o direito de presidir em seu próprio lar, sôbre sua espôsa e filhos. Através dêsse poder e autoridade, os homens dignos realizam os propósitos do Senhor Deus com relação à Terra. É o Santo Sacerdócio, segundo a ordem do Filho de Deus, mas ao invés de repetirmos indulgentemente o seu santo nome, foi-lhe conferido o nome de Melquisedeque, um dos mais dignos sumos-sacerdotes que viveram nos dias de Abraão. A êsse grande líder Abraão pagou seus dizimos.*

*A restauração do Sacerdócio de Melquisedeque é celebrada no mês de junho em tôda a Igreja.*





## SÃO PAULO: A Primeira Estaca da América do Sul

Dia 1.º de maio, 10 horas da manhã. A capela de Pinheiros dirigiam-se santos de tôdas as idades. A afluência de grande número de carros provocava o congestionamento do tráfego, causando a admiração dos moradores das redondezas, não acostumados àquela atividade inusitada. Dentro do edifício da capela o movimento não era menor.

Dava-se naquela ocasião o acontecimento mais importante da história da Igreja na América do Sul: São Paulo teria a primeira estaca organizada no Continente.

Sob a presidência do Apóstolo S. W. Kimball e do Élder Franklin D. Richards, o Presidente da Missão Brasileira, Wayne M. Beck, abriu a sessão visivelmente emocionado, saudando os membros dos distritos de Piratininga, Tietê e Bandeirantes, bem como a representação da Missão

Brasileira do Sul. A seguir o Apóstolo Kimball tomou a palavra, dizendo:

“Queridos irmãos, é para mim uma grande alegria estar aqui presente, por designação da Primeira Presidência da Igreja para, neste maravilhoso dia, instalar a primeira estaca da América do Sul na grande terra de São Paulo; estamos impressionados com o seu desenvolvimento, seus pomares, seus jardins, sua população ordeira e boa, o grande número de líderes que pôde ver seu sonho realizado pela vontade do Senhor.

“Em 1925, as terras da América do Sul foram dedicadas ao serviço de proselitismo, sendo abençoados todos os seus habitantes; vemos que dia a dia aumenta o número dos que procuram a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, compreendendo que é verdadeira e que foi restaurada pela vontade do Senhor,

através do Profeta Joseph Smith. Vemos como vem crescendo em toda a América do Sul: na Argentina, no Uruguai, Chile, Peru, Paraguai e no grande Brasil, com o seu povo meigo e doce, que aceitou o chamado de Cristo e tem dedicado o melhor de sua vida para o engrandecimento de sua Igreja; e por essa razão recebeu a grande graça e bênção, pois que é uma grande bênção receber das mãos do Senhor a primeira estaca, sendo isso uma prova de amadurecimento e fidelidade de um povo limpo de sentimentos e puro de coração, que executa com muito amor a obra do Senhor aqui na terra.

“Sentimos as pessoas mais unidas quando fazem a oração em família, vivem os mandamentos, cumprem com tôdas as designações de seus líderes, são obedientes, humildes e mansos de coração, assistem tôdas as reuniões

da Igreja com o pensamento sempre voltado para Jesus Cristo, e muitas vezes com lágrimas nos olhos e vozes embargadas pela emoção prestam seus testemunhos perante a congregação reverente. Não existe felicidade no pecado desde o tempo de Adão; não pode haver alegria nas coisas erradas. A felicidade vem de Deus e aqueles que seguem o evangelho e levam uma vida pura terão mais forças para combater a adversidade e encontrarão a felicidade prometida pelo Pai Celestial aos seus filhos fiéis."

Após dizer mais algumas palavras de exortação ao povo brasileiro, pediu apoio dos presentes para as modificações que se iriam processar. Falou que se criava naquele momento a Estaca de São Paulo, assim composta:

- ALA SÃO PAULO I (Ramos de Vila Mariana e Ipiranga)
- ALA SÃO PAULO II (Ramo do Bosque I e II)
- ALA SÃO PAULO III (Ramo de Santo Amaro)
- ALA SÃO PAULO IV (Ramo de Pinheiros I)
- ALA SÃO PAULO V (Ramo de Pinheiros II)
- ALA SÃO PAULO VI (Ramo de Perdizes)
- RAMO DA LAPA (Ramo da Lapa)
- ALA DE SOROCABA (Ramo de Sorocaba)

Logo após, o Apóstolo Kimball pediu à assembléia que apoiasse os nomes das pessoas que iria indicar para a liderança da estaca:

*Presidente da Estaca de São Paulo:* Walter Spät, Sumo-Sacerdote.

*1.º Conselheiro da Estaca:* Osiris Cabral Tavares, Sumo-Sacerdote.

*2.º Conselheiro da Estaca:* Antonio Carlos de Camargo, Sumo-Sacerdote.  
*Secretário:* Eduardo Tomanik.

As alas serão presididas pelos seguintes irmãos:

*Ala São Paulo I:* Bispo Leonel Abacherli, Carlos Roberto Fusco, 1.º Conselheiro.

*Ala São Paulo II:* Bispo Hélio



da Rocha Camargo, Henrique Gomes, 1.º Conselheiro e Joaquim Dias Marques, 2.º Conselheiro.

*Ala São Paulo III:* Bispo Wilson Sanches Neto, José Maria Rodrigues Filho, 1.º Conselheiro e Alcides Mário Lopes, 2.º Conselheiro.

*Ala São Paulo IV:* Bispo José Alexandre Ferro, Darcy Correia, 1.º Conselheiro e Aledir Paganelli Barbour, 2.º Conselheiro.

*Ala São Paulo V:* Bispo José Lombardi, Cid Nolf Azevedo, 1.º Conselheiro e Olavo José de Souza, 2.º Conselheiro.

*Ala São Paulo VI:* Bispo Antonio Valerio Lorenzini, Antonio Muratore, 1.º Conselheiro e Benigno Balderama Guzman, 2.º Conselheiro.

*Ramo da Lapa:* Presidente Armênio Augusto Seabra de Oliveira, Candido Romanini Bueno, 1.º Conselheiro e Murilo de Barros e Silva, 2.º Conselheiro.

*Ala de Sorocaba:* Bispo Nelson de Genaro, Carlos Riviera, 1.º Conselheiro e Celso de Arruda Pereira, 2.º Conselheiro.

Após obtido o apoio da congregação, que se manifestou unanimemente favorável, dirigiram-se à assembléia os membros da presidência da estaca, de cujas palavras destacamos a seguir alguns trechos:

Presidente Walter Spät: "Queridos irmãos da Igreja de Jesus Cristo, nunca esperei ocupar este púlpito, principalmente neste dia de grande alegria para os SUD, aqui reunidos e irmanados na mesma fé em Cristo.

"Até esta manhã esperava escapar deste chamado, pela responsabilidade tremenda que vai pesar em meus ombros. Fui entrevistado pelo Apóstolo Kimball, que me mostrou com palavras sábias que o dever de cada um que é chamado é atender, pois esses chamados são feitos por inspiração divina... Vemos com alegria que o nosso povo está avançando de maneira surpreendente nas veredas do Senhor e presidir uma estaca ou ala é um passo muito grande, espero e tenho certeza que encontrarei todo

o apoio dos queridos irmãos, para colher os frutos que vocês ajudaram a semear. Dou meu testemunho de que esta Igreja é verdadeira, restaurada por Cristo nosso Senhor..."

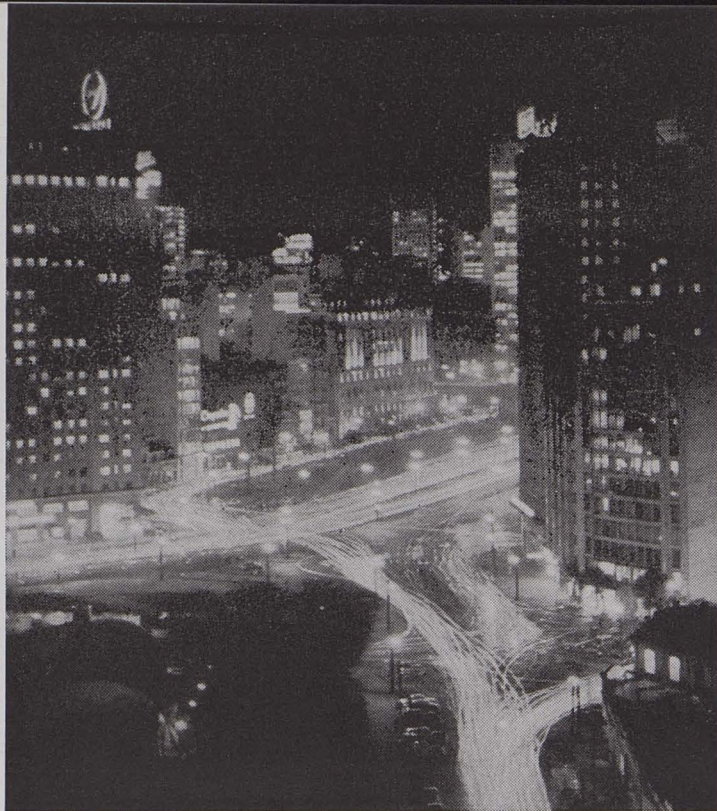
O Primeiro Conselheiro Osiris Cabral Tavares disse: "Queridos irmãos, grande foi minha surpresa pela confiança em mim depositada, para participar da direção da primeira estaca estabelecida em São Paulo e agradeço ao meu Pai Celestial por poder trabalhar para maior engrandecimento do reino de Deus aqui na terra; peço suas bênçãos para o nosso novo trabalho e que também abençoe vocês pelo muito que me ajudaram na liderança do distrito de Piratininga..."

O Segundo Conselheiro Antonio Carlos de Camargo dirigiu-se à assistência, dizendo: "Queridos irmãos, é com humildade que recebi o seu apoio para o cargo de 2.º conselheiro da primeira estaca estabelecida neste continente e neste momento lembro-me da parábola dos talentos; como servos fiéis estamos recebendo o talento maior, esta estaca. Agradeço ao Pai Celestial por ter voltado seus olhos para este seu servo e agradeço todas essas bênçãos em nome de Jesus Cristo, amém."

Convém lembrarmos numa hora de grande importância como esta, que o que estamos recebendo são simplesmente os frutos de um trabalho anteriormente feito por todos os ex-presidentes da Missão Brasileira, os quais contribuíram com sua parcela. Queremos, entretanto, destacar a participação do querido Presidente Beck, que foi, na verdade, o responsável por esta realização. A ele o nosso voto de louvor, pois com sua mão firme preparou líderes, que por sua vez trarão mais e mais pessoas para a Igreja de Cristo, engrandecendo, assim, o nome do Senhor.

Agradecemos a colaboração dos irmãos Eduardo Tomanik e Aurora Cordeiro, que nos forneceram os dados para a elaboração deste artigo. Fotos do Presidente Beck e do irmão Rui Marques Bronze.





## Jóias do Pensamento

**HAVERÁ  
SEMPRE  
UM  
OUTRO  
ENCONTRO**

*Richard L. Evans*

As vezes, negligenciamos ao tratar o nosso próximo, agindo como se nunca tivéssemos de prestar contas por nossas ações ou atitudes, ou como se nunca os tornássemos a encontrar. Parece que confiamos no fato de passarmos despercebidos. Entretanto, há muito tempo atrás dizia-se, "... aquele que tiver um só inimigo o encontrará em todos os lugares." Esta outra declaração foi feita por um líder bem sucedido, quando afirmou: "Haverá sempre um outro encontro com as pessoas." O significado dessa afirmativa é evidente por si mesmo e faz-se sentir em muitos campos. Há ocasiões em que os adultos não têm muita consideração para com as crianças, e as tratam de uma forma que nem elas próprias dispensariam aos adultos. No entanto, os adultos envelhecem e as crianças crescem e não sabemos se alguma criança ignorada ou despercebida de nós poderá galgar posições importantes; e então, não somente a encontraremos, como também precisaremos dela sob as mais diversas circunstâncias. Certas vezes, quando sentimos que somos ignorados, podemos ser menos corteses ou menos atenciosos, ou ainda cedermos aos impulsos de um comportamento menos lisonjeiro. Mas há a possibilidade de nos vermos face a face com as pessoas a quem não dispensamos um tratamento recomendável. No tráfego, nas estradas, há os que abusam de linguagem imprópria ou da busina, ou ainda cortam perigosamente a passagem, de um modo descortês — pessoas que se comportariam bem melhor atrás de uma escrivaninha ou em outra situação. Mas eles — ou nós — nunca sabemos quando poderemos vir a encontrar determinada pessoa que vimos pela primeira vez sob alguma circunstância, depois de têmos agido com desconsideração. De outras fontes, encontramos observações interessantes sobre o assunto:

"Existe uma boa dose de verdade nas primeiras impressões."

"Não são duradouras as impressões desta vida," afirmou Julius Bate, "e não permanecerão elas imorredouras como a alma? Não formarão tais impressões a galeria de quadros que contemplaremos pelas eras infinitas da eternidade?"

A vida é bastante longa para mudar de curso e direção, não somente agora, mas infinitamente; cada indivíduo é importante e pensarmos que não teremos um outro encontro com determinada pessoa é um fato improvável e problemático. Nenhum de nós sabe quando irá precisar dos outros. Nenhum de nós deve aceitar a idéia de ser injusto ou descortês ou ainda de agir incorretamente, presumindo que não mais encontraremos tal pessoa.

E ainda que não considerássemos a idéia de um segundo encontro com as mesmas pessoas, deveríamos levar em conta o fato de encontrar nosso Criador e nos vermos a nós mesmos para todo o sempre.

Não podemos simplesmente esperar ou confiar que não haverá um novo encontro com alguém que vimos uma só vez.

# Sacerdócio Aarônico

Tendo a oportunidade de estar presente à Feira Mundial de Nova York, verifiquei o efeito produzido pelo Pavilhão Mórmon em relação à humanidade, especialmente para aqueles que o visitaram pessoalmente. Com isso eu tive o meu testemunho aumentado tremendamente. Por meio dessa exposição, milhões de pessoas tiveram a chance de fazer contato direto com a Igreja. Muitos já se acham batizados, outros ainda serão batizados, mas todos eles transmitirão o que viram aos amigos, em sua cidade, em seu país.

Vendo todos êsses esforços, resta-nos seguir a exortação do Presidente McKay, de que nos tornemos missionários, transmitindo os ensinamentos do Evangelho a todas as pessoas.

Gabriel C. Kemeny,  
19 anos, Sacerdote.  
Ala São Paulo I

Sei que a Igreja a que nos afiliamos é verdadeira, porque o poder que nela existe é divino. Já tive a oportunidade de assistir uma bênção ministrada pelos élderes e vi que a cura foi em questão de horas. Sei também, por experiência própria, que as orações feitas com sinceridade e fé são atendidas; às vezes o são prontamente, outras vezes mais tarde, mas sempre temos uma resposta, a qual nos chega em boa hora.

Mário Raul Klappoth,  
14 anos, Mestre.  
Ala São Paulo V

Tudo que um santo dos últimos dias crê, ou pelo menos deve crer, está contido nas treze regras de fé.

Creio em Deus sinceramente, creio que é o Criador do céu, da terra e dos homens; creio em Jesus Cristo, o Filho de nosso Pai Eterno, o qual deu sua vida para a salvação dos homens. Se algum deles pecar, será punido pelo seu erro e não pela transgressão de Adão. Entretanto, devido ao sacrifício expiatório de Cristo, todos poderão ser salvos, bastando para isso que observem as leis de Cristo.

Todo homem, para ser salvo, deve obediência a certos princípios e os quatro primeiros são: Fé no Senhor Jesus Cristo, Arrependimento, Batismo por imersão, para remissão dos pecados e Imposição das mãos, para o dom do Espírito Santo.

Em nossa Igreja, todo homem chamado para ocupar um cargo, quer seja como secretário de uma organização auxiliar ou como bispo de uma ala, tem êsse chamado baseado na inspiração divina.

Creio que a atual organização da Igreja é igual à da igreja primitiva. Acredito, também, que temos um profeta vivo, o qual recebe revelação de Deus, pois é sabido que precisamos ser amparados constantemente por Ele, não nos bastando ler a Bíblia e o Livro de Mórmon, apesar de sabermos que são a palavra de Deus.

Enfim, creio no que é verdadeiro, pois tenho a certeza de que a verdade me salvará. E se houver qualquer coisa virtuosa, amável e louvável, eu a procurarei.

Wilson Roberto Gomes,  
18 anos, Sacerdote.  
Ala São Paulo II



# COMIGO VEM MORAR

adaptado

Leonora Hansen

Durante toda a noite, o tique-taque do despertador barato atormentou Lia Silveira com suas batidas secas.

Houve um momento em que pareceu reproduzir a sensação de paz, a mesma paz que sentia quando deitava-se perto de Carlos, na escuridão do quarto, onde não havia nenhum outro som, além do tique-taque do relógio e da suave respiração do marido.

Mas agora a cama de Carlos era na montanha, onde havia sido enterrado há sete meses, quando o caminhão que dirigia dera uma trombada. O despertador parecia, agora, repetir o eco da saudade e da solidão de Lia.

Ela sentia vontade de ir para casa. Gostaria de pegar seus dois filhos e voltar para sua cidade natal, para perto de seus pais. Gostaria de sentar à mesa e morder a crosta torrada do pão assado por sua mãe, sentindo o sabor gostoso da manteiga derretida.

Gostaria de ouvir de novo a voz de seu pai, falando ao Senhor durante a oração familiar, dizendo-lhe que sua família queria servi-lo, pedindo-lhe que lhes perdoasse as fraquezas e continuasse a lhes mostrar o caminho.

Mas Lia não podia voltar para casa. Não poderia, tampouco, alimentar seus filhos se continuasse ali. Se pelo menos achasse algum meio...

Suspirou, depois afastou as cobertas e pôs suas longas pernas para fora da cama, sentando-se.

Colocou os chinelos; apanhou o roupão que havia escorregado para o chão.

Verificou se Susana estava coberta. A menina de três anos mexeu-se na cama, mas continuou dormindo. Inclinando-se sobre o bêrço do bebê, acariciou-lhe o cabelo que lhe caía na testa, formando um redemoinho igual ao do pai. E seu nome também era o mesmo do pai — Carlos.

Lia abotoou o roupão, apanhou a escóva e passou-a pelos cabelos curtos e escuros, mesmo sem acender a luz. Apanhou um cobertor no armário e foi até o outro quarto, abrindo as cortinas, para que pudesse ver a noite; ajeitou o cobertor nos ombros e sentou-se na cadeira predileta de Carlos; dobrou os joelhos e embrulhou-os com o cobertor.

Preparou-se para ficar novamente sem poder dormir, tentando resolver o seu problema.

Tinha vinte e sete anos de idade. Era alta e não muito magra, movia-se com uma graça meio tímida. Seus olhos eram grandes e a sua boca suave, com covinhas nos cantos, como se um sorriso estivesse sempre a despontar. Seus dentes eram bonitos e uniformes, sua cutis clara. Era desenvolta e atenciosa para com as pessoas.

Era por isso que Francisco Meideiros a queria empregar — para que

usasse sua desenvoltura e boa aparência com seus fregueses, servindo-lhes bebidas e sentando-se à mesa com eles.

O que faria ela se os fregueses se tornassem importunos? O que aconteceria se achassem que a bebida não era suficientemente forte?

O pagamento que lhe ofereceria era bom. Poderia contratar uma senhora para cuidar das crianças.

Era novembro. Carlos havia morrido em abril. Os gastos com o hospital e com o enterro haviam consumido todo o dinheiro do seguro. Depois do funeral, voltara à casa dos pais por duas semanas, para não ficar sòzinha e poder começar a procurar emprego. Mas era difícil conseguir emprego. Seu pai pedira-lhe que ficasse com eles. Mas Lia sabia que ele estava doente do coração e já havia vendido grande parte da propriedade. Sòzinhos poderiam arranjar-se, mas com mais três bôcas seria diferente. Assim, tivera de voltar à casa onde vivera com Carlos. Mas ela e as crianças precisaram mudar-se para uma casa menor; e a companhia de financiamentos tirara-lhe o carro.

Consequira emprego num bar e arranjara uma menina para tomar conta das crianças. Mas a moça voltara à sua terra e Lia precisara deixar o emprego.

Trabalhara durante uma semana na "Casa de Modas Ana". Quando recebeu o pagamento, pagou a babá que havia cuidado das crianças e viu que ficara quase sem dinheiro.

Procurara emprêgo no banco e nos escritórios da cidade. Todos se desculpavam, diziam já ter o quadro de funcionários completo, mas pediam que deixasse o nome e endereço para chamarem em qualquer eventualidade.

Publicara um anúncio, oferecendo-se para costurar. Passara roupa, pajeara crianças em sua casa. Mas o dinheiro assim mesmo não dava. Ainda tinham o que comer, mas as roupas das crianças já estavam pequenas e ela não sabia como fazer para comprar outras novas. Suas próprias roupas estavam gastas; todos estavam precisando de sapatos; o aluguel era sempre pago com atraso. A conta da luz e da água estavam sôbre a cômoda, ainda por serem pagas. Sentia um nó de desespero na garganta.

Tinha de encontrar um outro meio — e bem depressa. Seria a oferta de Francisco Medeiros a solução?

Lia permaneceu sentada, meditando sôbre seu problema, até que começou a amanhecer. Levantou-se, finalmente, dobrou o coberto, cobriu os ombros com êles, como se fôsse um chale, e dirigiu-se à porta da frente; saiu lá fora, para ver se o nôvo dia prometia alguma coisa.

Não olhou, como sempre fazia, para o lugar vazio, na porta, onde estava a tela que havia sido roubada; não olhou para o muro quebrado, nem para a erva daninha que crescia no jardim da casa desocupada, do outro lado da rua, que tinha sido sua. Seus olhos pousaram mais além, nos galhos nus das árvores contra o céu avermelhado. O vento soprou, cortante, em seu rosto. Um passarinho voou. Lia voltou para o interior da casa mais aliviada.

Era domingo. Quando Carlos ainda era vivo, costumavam alimentar as crianças e depois viajar oitenta quilômetros até a cidadezinha próxima, onde havia uma capela mórmon. Depois que terminava a reunião, comiam lanches e, no caminho de volta para casa, as crianças dormiam no carro. Agora passava os domingos sem qualquer atividade na Igreja.

Enquanto vestia as crianças para brincarem, pensou nas manhãs de domingo de sua infância.

Aos oito anos, ganhara um vestido xadrês azul, com gola branca de organdí. Cada vez que se lembrava do vestido, experimentava uma sensação vibrante, pura e radiante. Lá fora o sol estava ameno. Dentro, o órgão tocava. Seu pai sentava-se atrás do púlpito e quando seus olhos se encontravam, sorria para ela.

O que aconteceria se ela chamasse o presidente daquele ramo e dissesse, "Presidente, não sou membro de seu ramo, mas sou mórmon e preciso de ajuda"?

E o que aconteceria se chamasse Francisco Medeiros e lhe dissesse, "Tenho pensado naquele emprêgo que me ofereceu. Leve-me esta noite até minha Igreja e talvez depois possa dar-lhe uma resposta"?

E se chamasse Alice Moreira? A família Moreira também era mórmon; não tinham filhos, por isso, em vez de assistirem a Escola Dominical, iam ao ramo à noite, para a Reunião Sacramental. Muitas vêzes, depois da morte de Carlos, convidaram Lia para ir com êles, mas as crianças eram muito pequenas para ficarem fora até tarde da noite. Antes não quisera ir, mas agora poderia telefonar a Alice.

Ao descerem do carro, perto da capela, naquela noite, o céu estava nublado; o vento redemoinhava e fazia a poeira cegar.

O pó entrou-lhe nos olhos e Lia sentiu o seu gôsto. Susana agarrou-se à saia da mãe e começou a chorar.

Pouco antes de alcançarem a porta, os primeiros pingos de chuva começaram a cair, misturando-se com a poeira, deixando manchas de lama no vestido de Lia e no de Susana.

As lágrimas brotaram dos olhos de Lia. Até a chuva parecia diferente ali. Lembrou-se da chuva que caía em sua cidade natal — limpa, chuva limpa de verão. A gente podia vê-la aproximar-se pelo leste, como uma cortina embaçada, avançando passo a passo pelo campo verdejante.

Lia parou um momento no vestíbulo, para enxugar as lágrimas do rostinho de Susana e depois para segurar a mão da menina.

A reunião já havia começado. Os Moreira e Lia com seus filhos entraram silenciosamente, sentando-se nos bancos de trás. O presidente do ramo não estava lá. O irmão a quem agora chamavam de presidente era-lhe desconhecido.

O bebê dormiu. Susana, inquieta, colocava os pés no banco, no chão, e no banco novamente. Olhou para trás, para o porteiro, que estava ao lado da porta. O lenço da mãe caiu no chão e ela deslisou no banco para apanhá-lo. Mas a viagem e o choro a haviam deixado cansada. Logo deitou-se no colo de Lia e cerrou os olhos.

Ao tomar o sacramento, Lia sentiu o coração gritar, "Por que, Pai, por que?"

Novamente desejou ir para casa, onde pudesse comparecer à Igreja todos os domingos.

Quando o côro começou a cantar o último hino, é que as palavras penetraram de mansinho no seu pensamento:

"Em minha casa vem ficar: Habita no meu lar.

Ó Salvador, vem ao meu lar! Comigo vem morar."

As lágrimas caíam-lhe dos olhos, escorriam pelas faces, até que alcançavam o vestido.

"Pai," orou, fechando os olhos, "Pai, deixe-me ir para casa." Depois modificou sua oração, "Ou pelo menos ajude-me a achar trabalho para cuidar de meus filhos."

Sentiu uma grande paz dentro de si; o hino pareceu-lhe suave e reconfortante. Cantou com o côro, "Ó Salvador, vem ao meu lar! Comigo vem morar."

Lia pediu aos Moreira que parassem num telefone público, antes de chegarem em casa. Tinha um telefonema urgente a fazer. Na cabine, colocou a moeda e discou o número do clube, perguntando pelo senhor Medeiros.

Agradeceu-lhe pela oferta, mas disse "que não poderia aceitar o emprêgo. Certamente precisava do dinheiro, mas os ensinamentos de sua Igreja eram contra essa espécie de atividades. Não, não sabia o que iria fazer. Tinha confiança de que algo aconteceria para ajudá-la."

Naquela noite, ajoelhou-se perto da cama, falou ao Pai o quanto queria voltar para casa, mas sabia que tôdas as coisas estavam nas mãos d'Ele. Pediu por favor que fortalecesse sua fé e a ajudasse a encontrar trabalho.

Nada aconteceu na segunda-feira e nem na terça, e ela não conseguia pensar em nada que a ajudasse.

(continua na pág. 30)

# A PARTIR DE CUMORAH

## NOVAS VOZES DO PÓ



Sentimos grande prazer ao saudar o dr. Hugh Nibley, nestas páginas. Sua mente fértil e sua pena privilegiada muito contribuíram para o profundo significado e para o valor permanente dos artigos que ora nos propomos a apresentar em série, sob o título de **A partir de Cumorah**, na seção de **Ciência e Religião**. O irmão Nibley está bastante qualificado para escrever estes artigos. Especializado primeiramente nos clássicos, tem êle, desde que passou a fazer parte do corpo docente da Universidade de Brigham Young, há cerca de 8 anos, tomado interesse especial no campo da religião, que é no momento o seu principal interesse acadêmico. Na qualidade de professor visitante na Universidade da Califórnia em Berkley, em 1959/60, dedicou-se intensivamente ao cóptico e egípcio e publicou recentemente um estudo sobre os recém-descobertos escritos cópticos cristãos em "Vigileae Christianae." Bacharelou-se em Artes e doutorou-se em Filosofia na Universidade da Califórnia. Publicou, também, longos artigos sobre temas clássicos e semíticos nos seguintes periódicos: **Classic Journal**, **Western Political Quartely**, **Jewish Quartely Review**, **Western Speech**, **Church History e Revue de Qumran**.

**Introdução:** *Um levantamento claro e completo dos recém-descobertos tesouros de manuscritos judaicos e cristãos ocuparia milhares de páginas. Apresentar tal material em forma sucinta e ao mesmo tempo fazer-lhe justiça é impraticável. Deveríamos buscar os detalhes? Logo descobriríamos a insensatez disso. Por outro lado, omitir a vasta complexidade do quadro é o mesmo que perder sua qualidade peculiar e essencial. Também, não podemos simplesmente furtar-nos ao assunto, sem fazer comentários, porquanto o que estamos presenciando é de imensa importância.*

*O propósito das páginas um tanto maçantes que se seguem é o de conduzir o assunto para coisas melhores, dando ao leitor alguma idéia do material com que estamos lidando, da*

*qualidade e natureza dos escritos que estão agora sendo lidos com assombro e espanto por muitos estudiosos de religião, bem como a estranha doutrina e os desconcertantes problemas que apresentam. O tanto ou quanto fastidioso estudo preliminar que se segue, não pode ser evitado; não se pode apreciar o espetáculo que se segue sem um programa, não importa quão insípido o mesmo possa parecer. Se o leitor sentir-se um tanto aparvalhado de início, deverá ter em mente que todos os eruditos estão como que se debatendo na maré de pergaminhos e papiros em que foram apanhados de surpresa. Se não formos capazes de nadar ou passar a vau por essas águas, podemos pelo menos nos aventurar até à praia, para ver o porquê de toda a excitação.*

Chegou o momento de os santos dos últimos dias voltarem suas atenções aos documentos judaicos e cristãos, cuja descoberta nos anos recentes e, especialmente a partir da Segunda Guerra Mundial, produziu uma reavaliação radical de tôdas as opiniões estabelecidas a respeito da natureza das duas religiões e suas escrituras. O significado dessas descobertas pode ser demonstrado mais eficientemente se fizermos referência a um certo número de proposições apresentadas pelo Livro de Mórmon, a primeira das quais tiramos do décimo terceiro capítulo de I Néfi. A proposição número um é que a Bíblia veio ao mundo em forma mutilada:

"... pois que despojaram o evangelho do Cordeiro de Deus de muitas partes que são claras e sumamente

preciosas, como também de muitos convênios do Senhor...

"... por causa dessas coisas que foram suprimidas do evangelho do Cordeiro, grande número tropeça..." (I Néfi 13:26-29)

A proposição número dois é que o Senhor porá fim a êsse estado de coisas, trazendo mais informações:

"...serei misericordioso para com os gentios, naquele dia, tanto que lhes trarei, pelo meu próprio poder, muito do meu Evangelho, que será claro e precioso, diz o Cordeiro." (Idem 34.)

Êste conhecimento deveria ser conferido por documentos escritos, incluindo-se algumas das escrituras de Néfi e seus descendentes, "escondidas para aparecerem aos gentios." (Idem 35.) Além disso, foi escrito

nos a declaração inequívoca de que certos livros e registros, fora da Bíblia, deverão surgir e mudar o ponto de vista dos homens a respeito da própria Bíblia, por causa de cujas mutilações "grande número tropeça..." (Idem 29.)

Estas duas proposições, mais que qualquer outra coisa, desde o início, têm colocado o mundo cristão em violenta oposição ao evangelho restaurado. Antes mesmo de o Livro de Mórmon sair do prelo, no cabeçalho do *Daily Advertiser*, de Rochester, ecoou a primeira grande reação do mundo à missão do Profeta: "Blasfêmia! Livro de Mórmon, ou melhor, a Bíblia de Ouro."<sup>2</sup> Nenhuma blasfêmia se poderia comparar com a declaração de que poderia haver outras escrituras além da Bíblia, senão a

não apenas dizendo-se escritura, como ainda anunciando que a Bíblia contém "erros humanos"!

Dizemos que agora é difícil imaginar como os cristãos reagiram a tais proposições, porque hoje em dia é difícil encontrar um só estudioso cristão no mundo que não reconheça que a nossa Bíblia, no seu estado presente deixa muito a desejar e que não busque o seu aperfeiçoamento através da descoberta de novos documentos.<sup>4</sup> O que trouxe esta mudança? Exatamente o que o Livro de Mórmon predisse — o aparecimento de mais livros e registros. A êstes voltamos agora nossa atenção.

*A nova visão do Velho Testamento* — A mudança de atitude em relação ao Velho Testamento surgiu de maneira imprevista e surpreendente em nossos dias. Até a presente geração, o mundo cristão tinha a convicção de que a Bíblia estava na medida certa e que o futuro traria apenas uma repetição infinita de sermões e comentários conhecidos, temperados pela adição ocasional de algumas notas eruditas ao pé das páginas. Se os fundamentalistas possuíam sua "Bíblia perfeita e intocável," os altos críticos, por seu lado, não andavam menos satisfeitos com o pensamento de que sua própria interpretação era igualmente definitiva. No mesmo ano de 1889, em que Westcott e Hort lançaram a primeira edição do que intitularam "O Novo Testamento no Original Grego," proclamando que todos os maiores problemas textuais já estavam solucionados, Robertson Smith expressava sua crença de que "...nada que seja de importância vital para o estudo do Velho Testamento permanece incerto."<sup>5</sup> Como em tantos outros campos, a regra pura e simples da evolução, aquela grande economizadora de tempo e trabalho, explicava tudo: "Até há pouco tempo atrás, em virtude da falta de qualquer contróle de seus pontos de vista, por intermédio de evidências externas, os estudiosos da Bíblia eram forçados a construir seus sistemas num vácuo histórico," lembra o Professor Albright; e uma vez que lhes faltavam informações sólidas, "os mais capazes eram forçados a empregar esquemas filosóficos, como base de referência, para livrar suas teses da pura subjetividade."

Foi então que surgiu a evolução, uma evolução "unilateral partindo do



*Algumas das descobertas de registros antigos no Oriente Próximo foram feitas por gente do deserto, tal como este árabe, fotografado com seu jumento e seu pequeno rebanho de ovelhas.*

que receberíamos "outros livros..." (Idem 39, 40, ambos no plural), que deveriam circular entre os gentios antes de sua conversão ao evangelho. Desde que o capítulo torna claro que os gentios a quem se refere não são a Igreja, podemos compreender que os livros e registros que deverão aparecer entre os gentios, serão outros escritos que não os do Livro de Mórmon.<sup>1</sup> Para não nos alongarmos demais: pouco importa se nós virmos em I Nefi 13, referências apenas à Bíblia e ao Livro de Mórmon ou se acharmos que fala de outros registros ainda por vir, (como claramente indica I Nefi 14:26); teremos pelo me-

afirmativa do prefácio do Livro de Mórmon, de que a inspirada Palavra de Deus poderia conter "erros humanos." É difícil para nós hoje, imaginarmos o choque e horror que estas duas proposições causaram ao mundo cristão.<sup>3</sup> Desde os dias de Santo Agostinho, a pedra angular da fé cristã, sobre a qual tanto os católicos quanto os protestantes permaneciam firmes, vinha sendo que a Bíblia era não somente a revelação completa de Deus aos homens, como também que não podia conter erros de qualquer espécie — as escrituras eram infalíveis e inteiramente suficientes para a nossa instrução. E eis que um livro surge,

materialístico sensorial e desordenado, para o espiritual, ideal e ordenado” que “formou uma base rígida e inflexível com a qual todos os fatos e generalizações tinham de conformar-se.”<sup>6</sup>

A súbita aquisição de vastas quantidades de informações sólidas e concretas, onde apenas as especulações eram conhecidas, deixaram muitos

em 1960.<sup>10</sup> Trata-se de um arquivo templário, dos séculos 14 e 15 a.C., conservado pelos canaanitas, os vizinhos mais próximos dos israelitas. Descobrimos nesses registros, pela primeira vez, quão próximos eram os antigos hebreus dos canaanitas, em cultura e religião, e podemos apreciar a força da admoestação de Lehi a seus filhos, de que a única diferença



Os valiosos Textos das Pirâmides foram descobertos em Giza, perto da antiga Mênfis, no Egito.

eruditos em posição incômoda. “Embora os estudiosos da Bíblia vivam numa época de descobertas inéditas,” diz Cyrus Gordon, “permanecem à sombra do criticismo do século dezenove... embora a arqueologia o tenha tornado insustentável.”<sup>7</sup>

Não há desculpas para isto, uma vez que as grandes descobertas da atualidade foram anunciadas por retumbantes rumores preliminares. Em 1886, de acordo com Edward Meyer, “nem um só documento existia que atestasse a autenticidade histórica do Velho Testamento.” Um ano mais tarde, os Tabletes de Amarna, uma biblioteca completa de correspondência entre os reis do Egito e os príncipes da Palestina e Síria, nos dias dos Patriarcas, foi descoberta.<sup>8</sup> Mas as grandes e revolucionárias descobertas vieram com duas outras bibliotecas, a de Ugarit e a de Qumran.<sup>9</sup> A primeira foi descoberta em Ras Shamra, em 1928, mas ainda continua “produzindo” documentos; foram encontradas, além disso, trinta caixas de tabletes, “um novo arquivo inteiro,”

real entre seus ancestrais e os primitivos habitantes da terra era de natureza moral: “E pensais que nossos pais seriam mais favorecidos do que eles (os canaanitas), se eles fossem justos? E eu digo: Não.” (I Nefi 17:34)

Os fragmentos de Ras Shamra abriram um novo mundo aos estudos bíblicos, ao colocarem Israel em nova moldura mundial. “Compreende-se agora, que Israel não era mais isolado do ponto de vista da língua do que do ponto de vista da religião e cultura, e que o hebraico... tomou muita coisa emprestada de outras línguas.”<sup>11</sup>

Donde “não se pode mais concluir que, se uma passagem hebraica fôr incompreensível, é por ser também adulterada.”<sup>12</sup>

Um exemplo de palavra bíblica enigmática tornada compreensível por esses registros, é a palavra *khashmal*, que significa bronze — palavra que este escritor por muito tempo pensou ser um anacronismo do Livro de Mórmon.<sup>13</sup>

(continua na pág. 20)

## ALGUNS IMPORTANTES REPOSITÓRIOS DE MANUSCRITOS DO VELHO MUNDO

1 — *Knossos* — Onde Sir Arthur Evans, em 1900, descobriu a biblioteca do Palácio de Minos. Cerca de 3.000 ou 4.000 tabletes do século 15 a. C., gravados em escrita linear minoana (B). Em 1950, um jovem arquiteto inglês, Michael Ventri, decifrou os escritos e mostrou serem gregos. Isso alterou todo o quadro da civilização do Oriente Próximo e colocou os patriarcas de Israel em contato com povos que falavam línguas relacionadas com a nossa.

2 — *Pilos* — Em Micênia, onde C. Elegen em 1939, descobriu 600 tabletes de arquivo de um palácio Micênico. Outros registros foram encontrados, depois de 1952, quando o trabalho foi reiniciado, depois da Segunda Guerra Mundial. Tais tabletes, escritos em linear (B) mostravam que os micênios eram gregos e que os gregos (cuja língua comumente é tão próxima da nossa) viviam ativamente no Oriente Próximo, em épocas tão remotas quanto à dos Patriarcas.

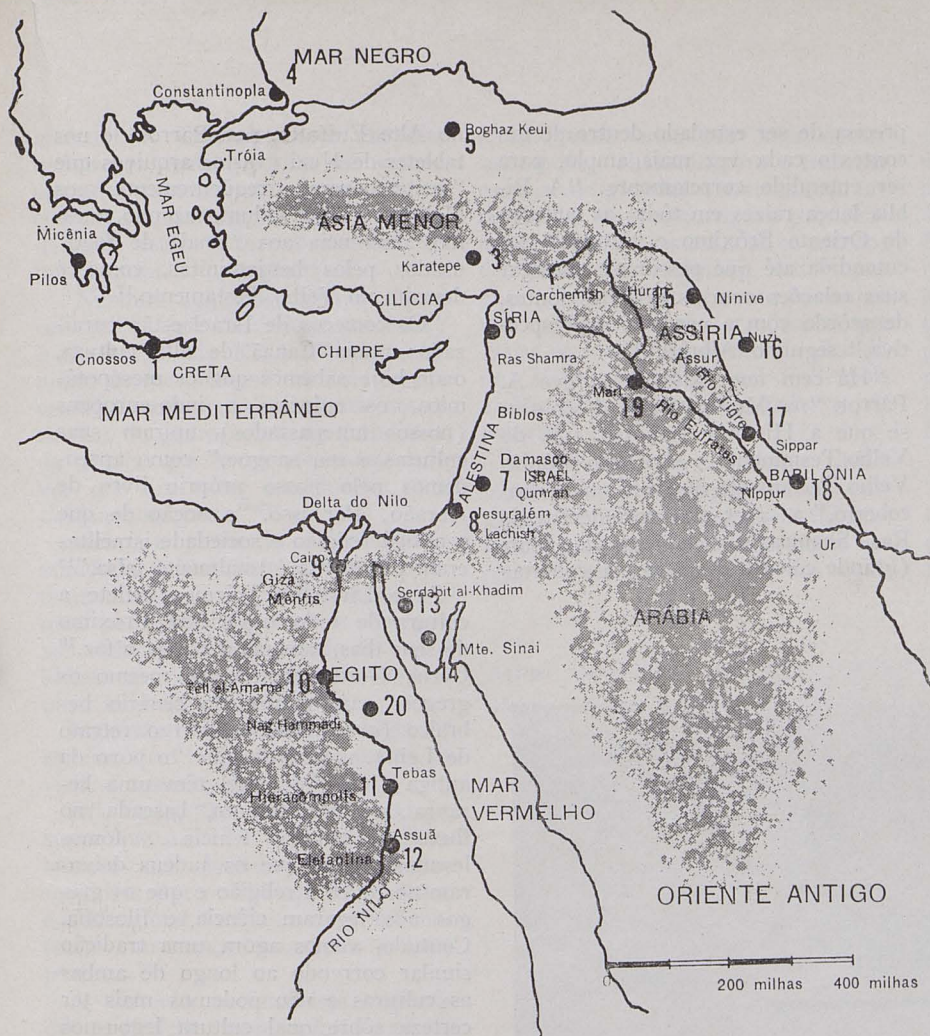
3 — *Karatepe* — onde, a partir de 1946, descobriram-se inscrições em fenício e hitita, que mostram como o povo emigrou e fundou cidades, um século antes de Lehi.

4 — *Constantinopla* — Onde, em 356, o Imperador Constantino fundou a Biblioteca Imperial, da qual um grande número de manuscritos antigos veio para a Europa, em 1453. A cidade possuía uma velha biblioteca patriarcal e muitas bibliotecas monásticas. Na Biblioteca do Patriarcado de Jerusalém, o grego P. Bryennius, em 1872 descobriu, entre muitos manuscritos cristãos apócrifos, o único texto conhecido do *Didachê*, que descreve a organização e funcionamento da igreja por volta de 140 A. D.

5 — *Boghaz Kewi* — Onde, a partir de 1906, H. Winckler escavou os arquivos reais dos hititas — mais de 10.000 tabletes cuneiformes, dos séculos 14 e 13 a. C., escritos principalmente em hitita, uma língua aparentada com a nossa. Os eruditos, anteriormente, haviam sustentado que os hititas, com quem Abraão manteve relações íntimas no Velho Testamento eram um mito, um engano dos escribas e que nunca haviam existido.

6 — *Ras Shamra* — (antiga Ugarit) Onde C. Schaeffer, a partir de 1929, encontrou milhares de tabletes do arquivo de um templo canaanita do século 14 a. C. Estão gravados numa língua relacionada com o hebraico e contém muitas expressões e conceitos semelhantes aos do Velho Testamento, tornando possível a solução de muitos mistérios bíblicos e iluminando certas fases da história primitiva de Israel. Em 1960, mais trinta caixas de tabletes foram desenterradas.

7 — *Qumran* — É a área ao redor, onde, desde 1947, centenas de cavernas foram exploradas, muitas das quais forneceram documentos escritos, com-



preendendo dezenas de milhares de fragmentos e mais de 400 obras distintas. Os mais valiosos foram escritos por sectários judeus no primeiro século a. C. A semelhança notável entre suas instituições e linguagem, com os encontrados entre os primitivos cristãos, exigiu uma completa reavaliação da natureza, tanto do cristianismo primitivo quanto do judaísmo.

8 — *Lachish* — Onde, em 1935/1936 J. L. Starkey descobriu a primeira das cartas de Lachish, os arquivos de uma guarnição militar dos tempos de Lehi. Estas 18 ostracas (escritas em cacos de cerâmica) grafadas em hebraico, dão testemunho ocular do estado de coisas na Palestina, antes da queda de Jerusalém.

9 — *Giza* — Perto da velha Mênfis, onde os Textos das Pirâmides foram descobertos, nos túmulos dos reis da V e VI dinastias do Egito (2.600/2.200 a. C.) Foram primeiramente publicados por G. Maspero, em 1881. Esses escritos encontram continuação com novas adições, nos Textos dos Ataúdes escritos nas partes internas dos esquifes de madeira não destinados aos reis, porém da mesma época das dinastias IX até XI, publicadas por A. De Buck, em 7 volumes. Compreende-se, agora, que sua semelhança freqüente com os escritos da literatura de Israel não é meramente accidental.

10 — *Tell el-Amarna* — Onde, em 1887, duzentos tablets cuneiformes foram desenterrados por camponeses, seguidos de centenas de outros, muitos dos quais foram esmagados e perdidos no transporte até às lojas dos negociantes. Em 1892, F. Petrie descobriu a fonte dos documentos, os arquivos reais de Ikhnaton, em Amarna. A coleção existente consiste de 358 tablets cuneiformes, que eram a correspondência, na língua acadiana (algumas das cartas são escritas em hitita), entre a corte egípcia e os príncipes da Palestina e Síria, em 1370-1348 a. C., ao tempo das peregrinações de Israel naquela região.

11 — *Hieracômpolis* — Uma capital pré-histórica do Egito, onde, em 1898, J. Quibell encontrou uma coleção de paletas pré-dinásticas, contendo textos rituais e históricos muito antigos. Atravessando o rio, em 1878, Mariette descobriu os remanescentes de uma grande biblioteca real. Ao norte, em Tebas, onde os documentos agora reproduzidos na Pérola de Grande Valor foram encontrados, situava-se a grande biblioteca do Ramesseo.

12 — *Elefantina* — Onde, em 1906, A. Cowley e, em 1911 E. Sachau, descobriram os arquivos de leis e comércio de uma comunidade judaica, no quinto século a. C. Em 1953, foram localizados mais documentos, em Brooklin onde

havam jazido em abandono por cinquenta anos. Em nossa opinião, essas cartas escritas em aramaico, dirigidas a oficiais persas e a importantes judeus de Jerusalém, fornecem o mais valioso comentário ao Livro de Mórmon.

13 — *Serdabit al-Khadim* — Antigas minas dos faraós, onde o povo da Palestina trabalhava por volta de 1.500 a. C. e onde deixaram cerca de 30 inscrições nas rochas. Foram descobertas por Petrie, em 1905, com adições importantes, em 1948. São escritas em símbolos egípcios mas em um dialeto canaanita, identificado como proto-hebraico. Mostram a egipcianização dos semitas e indicam laços muito mais estreitos, entre a cultura do Egito e de Israel do que até então se conhecia e admitia.

14 — *Monte Sinai* — Onde, em 1844, K. Tischendorf, no mosteiro de Sta. Catarina, localizou o manuscrito do Código Sináítico num cesto para papéis. O códice por ele adquirido em 1859 contém valiosos apócrifos cristãos primitivos.

15 — *Ninive* — A terceira capital da Assíria, onde, em 1851 A. Layard descobriu a grande biblioteca de Assurbani-pal, fundada por Sargão, no século 8 a. C. Encontrou-se ali o que por muito tempo julgou-se ser a versão original do dilúvio, além de muitos documentos ilustrando e confirmando a história de Israel.

16 — *Nuzi* — Onde, em 1925/1926 Edward Cheira encontrou os grandes arquivos de Hurrianos, um de cujos tablets pode ser datado de 1475 a. C. Estes registros contém relatos de homens empenhados no mesmo tipo de atividades que Abraão, demonstrando a autenticidade da era patriarcal como descrita no Velho Testamento.

17 — *Sippar* — Onde uma grande biblioteca templária foi descoberta, por H. Rassam em 1879 e por P. Scheil em 1894. Os textos rituais são importantes para a reconstrução do quadro geral das religiões do Oriente Próximo e em particular do "padronismo."

18 — *Nippur* — Onde H. Hilprecht e outros descobriram uma biblioteca de milhares de documentos em 1889, incluindo uma história sobre o dilúvio, muito mais antiga que a versão de Ninive e bem mais semelhante à do Velho Testamento.

19 — *Mari* — Onde, em 1935/36 A. Parrot descobriu o arquivo de um palácio que havia sido destruído por Hamurabi, no século 18 a. C. Milhares de registros, incluindo-se correspondência com o rei da Babilônia, retratam fielmente as viagens e os negócios dos homens importantes dos dias de Abraão e confirmam o retrato bíblico dos patriarcas.

20 — *Nag-Hammadi* — Onde foi encontrada, nas ruínas de uma antiga comunidade cristã, em 1946 (?), uma coleção de treze volumes encadernados em couro, contendo 49 escritos separados (cerca de mil páginas). Embora os livros datem do século IV de nossa era, contém escritos cristãos do século II. Indisputavelmente a mais antiga biblioteca cristã que se conhece.

(continuação da pág. 18)

As idéias e as palavras andam sempre juntas, é claro, e os textos rituais ugaríticos lançam torrentes de luz sobre primitivas práticas de culto judaicas, particularmente o Rito do Ano e os protocolos de Coroação, que hoje em dia são "o centro de interesse no estudo da relação entre as religiões do Oriente Próximo e o Velho Testamento."<sup>14</sup> Esses rituais conferem com a longa descrição de uma coroação no Velho Mundo, a qual encontramos no Livro de Mosiah.<sup>15</sup>

Mais que qualquer outra coisa, foram os textos de Ras Shamra que mostraram que o Velho Testamento

precisa de ser estudado dentro de um contexto cada vez mais amplo, para ser entendido corretamente. "A Bíblia lança raízes em tôdas as culturas do Oriente Próximo e não pode ser entendida até que possamos enxergar suas relações com as próprias fontes, de acordo com a verdadeira perspectiva," segundo Albright.<sup>16</sup>

"Há cem anos atrás," escreve A. Parrot, "na Mesopotâmia, descobriu-se que a História está por trás do Velho Testamento... hoje é o próprio Velho Testamento que está sendo descoberto," a saber, nos documentos de Ras Shamra, nos tabletes de Mari (grande coleção de placas descobertas

no Alto Eufrates, por Parrot) e nos tabletes de Nuzi (vastos arquivos que "mencionavam, freqüentemente, os Habiri" e o Dawidum, fazendo, mesmo, referência aos "sinais de fogo" usados pelos benjaminitas, como é descrito no Velho Testamento.<sup>17</sup>

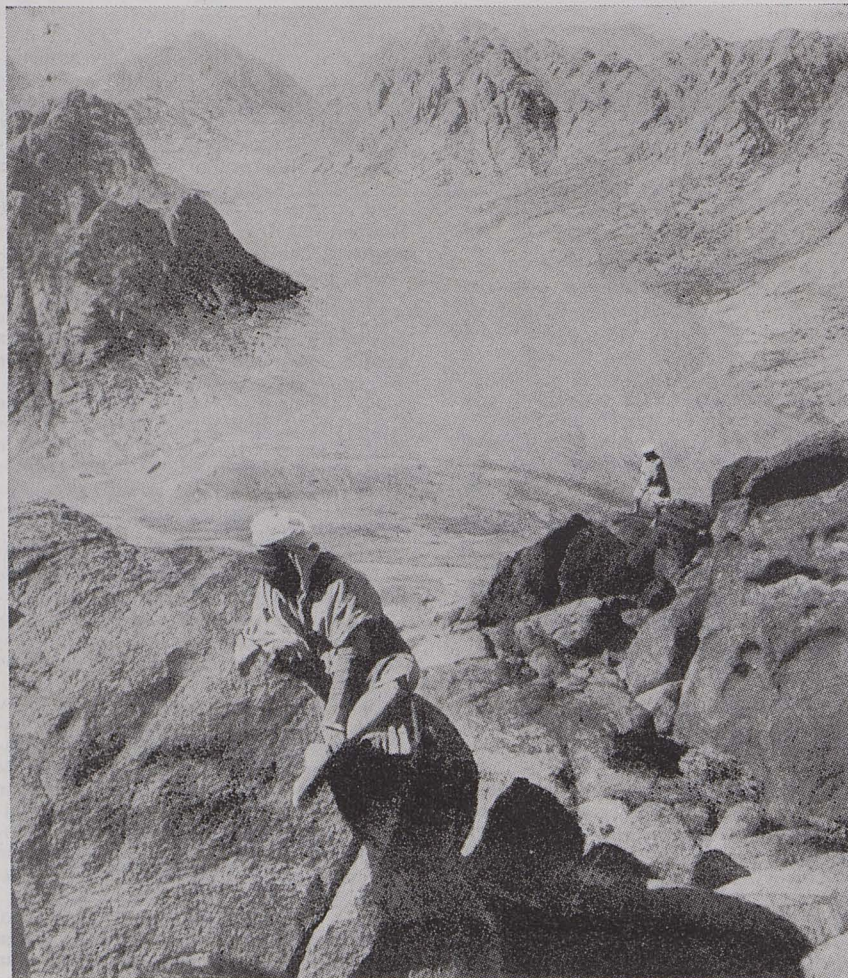
"Os começos de Israel estão enraizados numa Canaã de alta cultura, onde hoje sabemos que os mesopotâmios, os egípcios e indo-europeus (nossos antepassados) uniram suas culturas e seu sangue," como aprendemos pelo nosso próprio livro de Abraão. Por isso, "a noção de que a antiga religião e sociedade israelitas eram primitivas é totalmente falsa."<sup>18</sup>

Se o Livro de Mórmon reflete a cultura de todo o Oriente Próximo de seus dias, também a Bíblia o faz.<sup>19</sup> Cyrus Gordon traria até mesmo os gregos, para dentro do cenário hebraico (como fizemos com o retrato de Lehi), mostrando que "o povo da antiga Grécia e Israel têm uma herança semítica comum, baseada no fluxo da cultura fenícia... fomos levados a crer que os judeus deixaram-nos ética e religião e que os gregos nos legaram ciência e filosofia. Contudo, vemos agora uma tradição similar correndo ao longo de ambas as culturas e não podemos mais ter certeza sobre qual cultura legou-nos o quê."<sup>20</sup>

Foram os textos ugaríticos que puseram freios nos críticos, usando a expressão de Speiser, demonstrando a futilidade de seu jôgo favorito, ou seja, cortar os livros da Bíblia em várias seções, que afirmavam ser o trabalho de vários interpoladores e comentaristas.<sup>21</sup> Sempre que um erudito pensava poder discernir em um livro da Bíblia, a menor peculiaridade de língua, mudança de humor ou atitude, anunciava orgulhosamente a descoberta de um novo autor ou corruptor do texto.

"Há questão de uma geração," escreve H. H. Rowley, "podíamos falar de criticismo como algo contrário à ortodoxia tradicional... sabíamos exatamente onde um "documento" terminava e outro começava."<sup>22</sup>

Em verdade: "a conclusão não edificante de todo êsse estudo," segundo Gordon, é que "nada é autêntico; entretanto, essa perda de realidade era compensada pela satisfação de estarem todos jogando o mesmo jôgo e usando a mesma "insígnia" de respeitabilidade acadêmica interdenomi-



*Em um mosteiro no tópo do Monte Sinai, de onde esta foto foi tirada, descobriu-se o manuscrito do Código Sináitico num cesto para papéis, em 1844.*

nacional.”<sup>23</sup> Contudo, hoje em dia, numerosos textos, postos sob exame acurado, mostram-nos que era prática comum no Oriente, introduzir variedade de estilo e mesmo de dialetos numa única composição.<sup>24</sup>

“Nenhum egiptólogo (ou qualquer orientalista em disciplinas paralelas) é tão tólo,” diz K. A. Kitchen, “a ponto de ver “fontes” por trás de tais textos... ou meter a tesoura nesses marcos de pedra, como os estudiosos da Bíblia que seccionavam-na, cada vez que um autor introduzisse uma mudança de ritmo.”<sup>25</sup>

Assim, a tendência do criticismo mudou, e existe “uma ênfase crescente na unidade do Velho Testamento... uma percepção significativa de que, sob tôdas as variedades de formas e idéias, o Velho Testamento contém uma unidade profunda.”<sup>26</sup>

Importantíssimo nessa mudança de atitude, tem sido o nôvo ponto de vista a respeito dos profetas.

Era moda, “há uma geração atrás, supor que o Velho Testamento apresentava um dualismo de conceitos religiosos irreconciliáveis: o profético e o sacerdotal,” enfatizando-se o “contraste entre maus sacerdotes e bons profetas.”<sup>27</sup>

A fórmula evolucionista requeria que os profetas, espiritualmente adiantados, deveriam ter profunda antipatia pelas formalidades primitivas do templo.

Mas agora sabemos que “não existe linha demarcatória clara” entre os vários aspectos da religião do Velho Testamento, e que o ponto de vista evolucionista sôbre os profetas do Velho Testamento não pode ser aceito... devendo tôda ênfase ser dada à continuidade.”<sup>28</sup> Em conclusão, isso é o mesmo que dizer que, desde o início, Israel tinha sômente um evangelho.

Uma importante ilustração, é o caso de Isaías, de particular interêsse para os estudiosos do Livro de Mórmon; onde as suas profecias são consideradas como escritos de um único homem. Ao tempo em que os críticos trabalhavam com Isaías, “restavam poucas mensagens longas, de autoridade incontestada... parecia que todo o livro seria melhor descrito como uma antologia de vários autores.”<sup>29</sup> Mas, com a descoberta de que os profetas e as sociedades proféticas estavam intimamente ligadas com o templo, torna-se evidente que os ensinamentos de Isaías

foram preservados por uma dessas sociedades, “chamada para o trabalho especial de guardar e testemunhar as revelações de Jeová, dadas primeiramente a Isaías”; isto é, que os escritos de Isaías são realmente um;<sup>30</sup> por exemplo, em 1880, era raro encontrar um erudito que não acreditasse que Isaías copiara a passagem (Is. 2:2-4) de Miqueias (Miq. 4:1-3),” pois ambas eram iguais, quase palavra por palavra.

Mas um estudo dos textos rituais mostra que a linguagem dessas passagens “não é a “linguagem da profecia,” mas ocorre freqüentemente nos textos rituais arcaicos,”<sup>31</sup> dos quais

Antiga feira-livre em Aleppo, nordeste da Síria.



os profetas livremente tomavam por empréstimo.

*Os Patriarcas surgem* — “Um dos resultados extraordinários das pesquisas arqueológicas, durante o período decorrente entre as duas grandes guerras,” informa G. E. Wright, “foi a súbita descoberta da Era Patriarcal” como História real.<sup>32</sup> O mundo descrito nas páginas do Gênesis, existiu realmente e não era, como os críticos imaginavam, uma invenção de homens que escreveram muitos séculos depois do tempo que se supunha estarem descrevendo. O Velho Testamento dá uma descrição exata e vívida de como era o mundo no qual os patriarcas viveram.”<sup>33</sup>

Edward Meyer e Ed König estavam certos quando insistiram em dizer que as narrativas do Velho Testamento, ao contrário dos anais da Babilônia e das histórias fictícias dos egípcios, eram história verdadeira. “... êsse respeito pelos fatos e pela perspectiva histórica não encontra paralelo na literatura antiga do Oriente Próximo, até a época de Heródoto.”<sup>34</sup>

A teoria de que o livro de Gênesis não pretende ser história, mas “uma maneira poética de apresentar a verdade divina,” deve ser rejeitada.<sup>35</sup> Pois “nenhum dos livros do Pentateuco ou qualquer das outras fontes históricas primitivas do Velho Testamento foram inventados... e não podem ser acusados de qualquer espécie de invencionice.”<sup>36</sup> E até pouco tempo atrás, pensava-se que *todos* esses livros fôssem inventados!

“Está claro,” escreve Albright, “que a autenticidade substancial das tradições bíblicas foi provada até um ponto que poucos observadores ousariam imaginar possível há uma gera-

ção atrás.”<sup>37</sup> Comentando isso, Albright observa que o gênio peculiar das religiões judaica e cristã, ao contrário de tôdas as demais religiões, é o total entrelaçamento de seus ensinamentos, com um fundo histórico real; observa também, que essa base histórica perdeu-se em nossos dias, mas apresenta clara expressão no Livro de Mórmon, o que obriga os mórmons, quer queiram, quer não, a uma interpretação literal e histórica da salvação.<sup>38</sup>

Na atualidade tem-se despertado a atenção para a natureza especificamente épica das primitivas histórias patriarcais, “uma atitude caracteristicamente épica,” mostrando que a história pré-salomônica dos hebreus foi condicionada a um padrão épico específico.”<sup>39</sup> Há alguns anos, êste autor mostrou de maneira extensa, que a parte mais antiga do Livro de Mórmon, o livro de Êter, retrata o mais puro meio-ambiente épico em todos os seus detalhes. Seria mera coincidência Joseph Smith apresentar em forma épica seus relatos mais an-

tigos? Ninguém tinha a menor idéia da existência de um meio-ambiente genuinamente épico, até que Chadwick o indicou em 1930.<sup>40</sup>

Quando, há cem anos atrás, encontraram na Biblioteca de Assurbanipal, em Nínive (a primeira das grandes bibliotecas encontradas), histórias babilônicas sobre o dilúvio, semelhantes às histórias hebraicas, concluiu-se instantaneamente que a versão do Velho Testamento havia sido calcada sobre aquela "original" babilônica. Mas como foram encontradas outras versões ainda mais antigas que mais se assemelhavam à do Gênesis, concluiu-se que a da Bíblia deveria ser a versão mais antiga.<sup>41</sup> E agora surge o épico Atra-kasis, de grande antiguidade, mostrando que a história babilônica do dilúvio, por longo tempo aceita como a fonte original, "foi arrancada de seu contexto," que aqui aparece pela primeira vez, dando "prova... que toda a estrutura da tradição hebraica em Gênesis I-X e não apenas o episódio do dilúvio, tem sua contraparte na legenda sumero-babilônica."<sup>42</sup>

Uma prova talvez mais conclusiva da possível prioridade de boa parte do material bíblico, sobre as fontes das quais supõe-se ter-se originado, é a descoberta de Drioton, de que um famoso monumento de "literatura egípcia de sabedoria" que também supõe-se tinha sido a fonte de inspiração da literatura hebraica de sabedoria, "é realmente uma tradução egípcia medíocre de um original hebraico-semítico... tratar-se-ia das "Palavras dos Sábios," de onde subsequentemente os provérbios também se alimentaram."<sup>43</sup> A idéia de que os babilônios e egípcios pudessem depender dos hebreus quanto às idéias encontradas na Bíblia, em vez do contrário, é deveras revolucionária.

É interessante que os antigos achados hebraicos (ainda que abundantes) continuam a não ter a projeção que os materiais estrangeiros possuem.<sup>44</sup> As cartas de Lachish, contendo relatos de testemunhas oculares do desesperado estado de coisas na terra de Jerusalém, nos dias de Lehi,<sup>45</sup> provocaram muito menos comentários que os Papiros Elephantinos, que mostram uma comunidade judaica vivendo no Alto Nilo, para onde haviam fugido à procura de segurança, possivelmente na época da destruição de Jerusalém.<sup>46</sup>

Em 1954, alguns desses registros, os Papiros Aramaicos de Brooklin, foram descobertos num baú, onde haviam estado esquecidos durante 50 anos.<sup>47</sup> Talvez a descoberta mais surpreendente sobre esses judeus, instalados tão longe de sua pátria, foi o seu programa de construir um templo.<sup>48</sup> A idéia de Nefi, de construir um templo no Novo Mundo, era suficiente para alguns críticos, como prova definitiva de que o Livro de Mórmon era fraude, pois judeu algum sonharia em ter um templo fora de Jerusalém. Assim, os Papiros Elephantinos marcam mais um ponto a favor do Livro de Mórmon.

O retrato de Abraão, como um homem muito civilizado, que "possivelmente morava numa requintada casa de tijolos, numa cidade," era algo com que "jamais sonharíamos," se sir Leonard Woolley não o tivesse descoberto em 1930.<sup>49</sup> Desde então, toda a espécie de informação a respeito de Abraão tem vindo à tona.<sup>50</sup> Em 1950, foram publicados fragmentos de um livro de Abraão, encontrados entre os manuscritos do Mar Morto, que trazem interessantes esclarecimentos paralelos com o nosso livro de Abraão, conforme nos referiremos mais abaixo.<sup>51</sup> No mesmo ano, foi publicado o Papiro de Brooklin, que traz parte de um registro autêntico, mantido numa importante prisão egípcia, nos dias de José. Inclui uma lista de 75 nomes de prisioneiros, dentre os quais 40 eram de origem semítica oriental, donde "a antiguidade genuína de alguns nomes patriarcais... é claramente confirmada."<sup>52</sup> Isso nos traz à memória que em 1938 Nelson Glueck mostrou que o nome Lehi é de origem semítico-oriental, familiar às margens do Mar Vermelho.<sup>53</sup>

Em 1958, a mesma autoridade conseguiu traçar parte da rota de Abraão através do "deserto de Zin, da Palestina ao Egito e vice-versa... Depois de descobrir esses lugares abramônicos," relata ele, "os capítulos da Bíblia que descrevem a viagem de Abraão e seu povo... tornaram-se claros para nós."<sup>54</sup>

"... para que apareçam em sua pureza" — Indiscutivelmente a influência mais poderosa em forçar a uma nova leitura do Velho Testamento procede dos manuscritos do Mar Morto. E a coisa surpreendente que eles mostram é que o texto da

Bíblia não foi tão adulterado — pois deixam ver que ele foi, no conjunto, preservado com espantosa fidelidade — quanto foi mutilado pela supressão de material do original. Como afirma o Professor Albricht: "Nosso texto hebraico sofreu mais perdas que distorções." E continua ilustrando o ponto com vários livros, para mostrar que "traduções futuras terão que expandir substancialmente o texto incluindo... algumas (passagens) de grande importância pelo seu conteúdo."<sup>55</sup>

Isso traz-nos de volta à nossa proposição original: "eles tiraram... muitas partes... que eram muito preciosas..." e que elas deverão ser restauradas pelo aparecimento de "outros livros" e registros.

Não existe melhor ilustração para essa proposição, na atualidade, do que os manuscritos do Mar Morto.

A uma distância inferior a quinze milhas de Jerusalém, encontra-se um lugar que foi examinado com cuidado por antiquários cristãos, desde os dias de Orígenes e Jerônimo. Centenas de cavernas contendo milhares de fragmentos escritos escaparam à descoberta através dos séculos, até que o deserto repentinamente voltou à vida no início da década de 1950. "Descobertas pisavam nos calcanhares de descobertas," diz o Professor Cross. "A riqueza arqueológica dessa terra parece ilimitada."<sup>56</sup> Por volta de 1960, mais de 230 cavernas haviam sido exploradas, encontrando-se em muitas delas diversos escritos de grande valor.<sup>57</sup>

Os documentos que nos interessam consistem em mais de 400 manuscritos, cobrindo um período de 300 anos — desde o fim do III século a. C., até 68 A.D.<sup>58</sup> Contêm "os maiores manuscritos bíblicos, de grande antiguidade,"<sup>58</sup> cartas de próprio punho do grande líder Simão Bar Kochba,<sup>59</sup> o "primeiro documento hebraico conhecido do primitivo período rabínico,"<sup>60</sup> e acima de tudo os registros e ensinamentos de uma "Igreja Cristã no Deserto," anterior a Cristo.<sup>61</sup>

Há mais de uma década este autor, seguindo uma pista oferecida por um trabalho apócrifo, denominado a *Ascensão de Moisés*, sugeriu que os documentos das cavernas de Qumran não tinham sido enterrados rapidamente por seus donos, para fugir à destruição por um exército romano, mas que foram deliberadamente en-

terrados e selados para aparecerem em uma "dispensação" posterior.<sup>62</sup> Desde então, a descoberta de um fragmento da mesma *Ascensão de Moisés*, em uma das cavernas, colocou os eruditos na pista de uma investigação, que os levou à conclusão de que os pergaminhos foram realmente enterrados num "funeral solene," com a esperança de serem encontrados, numa época melhor.<sup>63</sup>

Com relação a esse episódio, uma descoberta em particular deve ser mencionada: o famoso Rôlo de Cobre da caverna IV. É um documento de primordial importância. "... é difícil achar-se um só aspecto da arqueologia, da história e da religião do Oriente Próximo, que ele não ajude a esclarecer."<sup>64</sup> Consistia originalmente de placas de cobre, posteriormente ligadas umas às outras, para que pudessem ser enroladas, imitando um pergaminho.<sup>65</sup> Por que o cobre? Porque esse registro era o mais valioso de todos, sendo nada menos que um catálogo de todos os tesouros da sociedade que se achavam enterrados. Se ele desaparecesse, muitas, senão todas aquelas possessões dedicadas ao Senhor, seriam irremediavelmente perdidas. Por isso, tinha que ser escrito em material imperecível e cuidadosamente escondido.<sup>66</sup>

Vejamos alguns itens do Rôlo de Cobre:

Item 4: "... recipientes de dízimos, consistindo de vasos e ânforas, todas para dízimos, bem como "Produtos do 7.º ano," ... no fundo do conduto de água, seis cúbitos, a contar do norte, na direção do tanque de imersão rachado."

Item 26: "... enterrado a três côvados há um cântaro, com um pergaminho e sob ele, 42 talentos."

Item 34: "... na tubulação de dre-

nagem que fica na passagem leste para a Sala do Tesouro, ao lado da entrada, jarros de dízimo e pergaminhos ao lado."<sup>67</sup>

Todos esses eram tesouros sagrados, e só poderiam ser usados para fins religiosos.<sup>68</sup> Note-se que junto do dinheiro havia escritos sagrados. Um deles achava-se dentro de um vaso de cerâmica, do modo normal como os manuscritos do Mar Morto tinham sido achados, enquanto outros jaziam embalados ao lado dos jarros. O "tanque de imersão" refere-se a um "banho ritual," de acordo com a nota de Allegro, e os produtos do 7.º ano lembram um costume relatado incidentalmente no Livro de Mórmon, de o povo trazer um suprimento de sete anos, para uma grande reunião.<sup>69</sup>

O batismo pré-cristão, bem como o produto dos sete anos soam familiares aos estudiosos do Livro de Mórmon. Mas de particular interesse, é a natureza e uso das placas de cobre. Tanto por preceito como pelo exemplo, proclamam, pela primeira vez, que existia um velho costume judaico de esconder os registros sagrados, incluindo registros feitos em placas de metal, escolhidas por sua durabilidade. Escrever em tais placas era difícil e desagradável. "O escriba, não sem razão, parece haver-se cansado ao chegar ao fim, pois as últimas gravações são mal formadas e um tanto pequenas. Podemos quase ouvir o seu suspiro de alívio, ao colocar as duas últimas palavras no meio da linha final."<sup>70</sup>

Quão claramente isso nos lembra os protestos e explicações dos nossos escritores do Livro de Mórmon, "... e não posso escrever mais do que poucas de minhas palavras, devido à dificuldade em gravá-las sobre as pla-

cas." (Jacó 4:1) "... e também escreveria se nas placas houvesse lugar; mas não há..." (Mórmon 8:5) Era necessário resumir, ao escrever nas placas, como explica Moroni (Mórmon 9:32) e Allegro também afirma que a escrita usada em placas de cobre é de um novo tipo, que torna a leitura difícil, pois é caracterizada por letras grafadas de modo diferente, sem espaços entre as palavras, "mudando de uma linha para outra, no meio da palavra," e uma supressão generalizada das vogais.<sup>71</sup>

"A maior deficiência está em nós mesmos," conclui Allegro, "falta-nos conhecimento suficiente do vocabulário técnico hebraico, para deciframos um texto dessa natureza. Isso deveria moderar aqueles que ingenuamente crêm que, se encontrássemos algumas placas nefitas, deixaríamos a tradução por sua conta: para isso, seria necessário o Urim e Tumim.

Uma vez que as últimas décadas foram testemunhas de descoberta de numerosos exemplos de escrituras em metais, das quais o principal são as placas de Dario — história sagrada colocada em uma arca especial de pedra, por um quase-contemporâneo de Lehi<sup>72</sup> — é fácil esquecer que nada suscitou maiores protestos e zombarias quando do aparecimento do Livro de Mórmon, que a fantástica idéia de escrever-se história sagrada em placas de ouro e enterrá-las no chão. O Rôlo de Cobre e sua mensagem, comparados cuidadosamente com o que o Livro de Mórmon tem a dizer a respeito de registro em placas de bronze e ouro, deveriam trazer um pouco de sossêgo aos críticos mais ceicos do Livro de Mórmon.

(*Continua no próximo mês*)

#### NOTAS

1. Em Nefi 13, os versículos 3, 4, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 29, 30, 31, 32, 33, 38 e 42 mostram que não se deve confundir os gentios com a Igreja. Nos versículos 25 e 26, os gentios recebem, mas perdem os registros sagrados. Nos versículos 35 e 36, mais registros "apareceram aos gentios" e no versículo 39, levam ainda "outros livros" a todo o mundo, convencendo-se a si mesmos, aos índios e aos judeus de que os primeiros registros são verdadeiros.

Parece complicado demais para ser uma referência apenas ao Livro de Mórmon. Veja especialmente I Nefi 14:23-28.

A fôrça física é medida pelo que se pode carregar; a fôrça espiritual, pelo que se pode suportar.


Ivan Panin

2. Veja Francis W. Kirkham, "A New Witness for Christ in America," págs. 267/268.
3. Para melhor compreensão, veja H. Nibley na "Improvement Era" nº 62, 1959, pág. 147.
4. Veja *Improvement Era* de nov. de 1964, notas 94 a 99.
5. J. N. Schofield, *Expository Times*, nº 71 (1960) pág. 195.
6. W. F. Albright, *Cross Currents*, nº 9 (1959) pág. 114.
7. C. Gordon, *Christianity Today*, nº 4 (23 de nov. de 1959) página 131.
8. Ed. Meyer, *Sitzber der Berliner Akad. d. Wissenschaft*, 1908, pág. 153.
9. T. Robinson, *Zeitschrift für die alt testamentliche Wissenschaft*, 73 (1961) pág. 265.
10. W. F. Albright, *Journal of Bible and Religion*, 31 (1963) pág. 110.
11. C. S. Rodd, *Expository Times*, 71 (1960) pág. 131.
12. H. H. Rowley, *Expository Times*, 71 (1959) pág. 97.
13. T. Robinson, op. cit. pág. 267.
14. J. Schofield, op. cit. pág. 196.
15. Compare o último sumário de S. Hooke, Ed., *Myth, Ritual and Kingship* (Oxford, 1958) com nossa discussão, em *An Approach to the Book of Mormon* (Deseret Book Co., 1964) Ch. 23, págs. 257/268).
16. W. F. Albright, *Journal of the American Oriental Society*, 64 (1944) pág. 148.
17. A. Parrot, *Revue de l'Histoire et de Philosophie Religieuses*, 1950, pág. 1-9. Cf. W. F. Albright, *The Biblical Period from Abraham to Ezra* (New York, Harper & Row, 1963) pág. 2-9.
18. C. Gordon, op. cit. págs. 133/134.
19. Para o Livro de Mórmon, H. Nibley, *An Approach to the Book of Mormon*, capítulos 3-7.
20. C. Gordon, *Before the Bible*, pág. 32.
21. E. A. Speiser, *Contemporary Review IV*, págs. 214/215.
22. H. H. Rowley, pág. 97.
23. C. Gordon, págs. 131/134.
24. "Ninguém discute que o Código de Hamurabi seja uma composição inteira, apesar do fato de o prólogo e epílogo serem apenas escritos em forma poética (contrário à prosa das leis), mas também num dialeto diferente, porque a poesia exige, não somente um estilo, mas ainda forma gramatical diferente." C. Gordon, *Ugaritic Literature* (Rome: Pontifical Biblical Institute, 1949) págs. 6 e 7, discutindo também outros casos. Veja também *Christianity Today*, pág. 132.
25. K. A. Kitchen, em *Faith and Thought*, pág. 190. Verifica-se que a variedade de estilo ocorre dentro de documentos egípcios e babilônicos. Idem, pág. 188. Cf. S. Mowinckel, *Prophecy and Tradition*, nº 3 (Oslo, Norse Academy of Science, 1946) páginas 7 e 8.
26. H. H. Howbley, em S. Hooke, op. cit., pág. 260. Há uma geração atrás, tal coisa estava fora de cogitação. H. Torczyner, em *Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft*, 85 (1931) págs. 287/324.
27. H. H. Rowley, em *Expository Times*, pág. 98.
28. A. Haldar, *Association of Cult Prophets among the Ancient Semites*, (Uppsala, 1945), pág. 199. "Atualmente há uma certeza estabelecida de que os profetas de Israel eram oficiais do culto..." J. Schofield, op. cit., pág. 197.
29. J. Eaton, *Vetus Testamentum*, 9 (1959) pág. 138.
30. Idem, pág. 149. Cf. H. Wildberger, em *Vetus Testamentum*, 8 (1958) pág. 81.
31. H. Wildberger, em *Vetus Testamentum*, 7 (1957) pág. 65.
32. G. E. Wright, *Expository Times*, 71 (1960) pág. 292.
33. W. F. Albright, *Biblical Period from Abraham to Ezra*, pág. 5. "... os patriarcas surgem com uma vividez desconhecida a qualquer caráter extra-bíblico, com toda a vasta literatura do Antigo Oriente Próximo." Para discussões sobre a descoberta da Era Patriarcal, procurem J. Reider, em *The Jewish Quarterly Review*, (1937) pág. 349; J. C. L. Gibson em *Journal of Semitic Studies*, 7 (1962) pág. 44. R. de Vaux, e *Revue Biblique*, 53 (1946) págs. 321/348; G. E. Wright, em *Expository Times*, 71 (1960) págs. 292/296 e idem 72 (1961) págs. 213/216. A Parrot, op. cit. pág. 1/10.
34. J. Gray, em *Vetus Testamentum*, suppl. Vol. V (1957) pág. 218. Cf. Ed. Meyer, *Die Israeliten und ihre Nachbarstämme* (Halle, 1906) pág. 484 e *Geschichte des Altertums*, I, i; 131 e Ed. König, em *Historische Zeitschrift*, 132 (1925) pág. 290.
35. T. C. Mitchell, em *Faith and Thought*, 91 (1959) pág. 48.
36. E. A. Speiser, op. cit. pág. 214.
37. W. E. Albright, em *Cross Currents*, 9 (1959) pág. 117. Cf. G. von Rad, em *Expository Times*, 72 (1961) pág. 216; H. H. Howley idem 71 (1960) pág. 97.
38. Albright, op. cit. pág. 111.
39. C. Gordon, em *Journal of Near Eastern Studies*, 11 (1952) pág. 213; idem 13 (1954) pág. 56.
40. Veja discussão na *Improvement Era*, 59 (janeiro de 1956) pág. 30.
41. Discutido por H. Nibley, em *A Book of Mormon Treasury* (Salt Lake City Bookcraft, 1959) pág. 135.
42. W. Lambert, em *Journal of Semitic Studies*, 5 (1960) pág. 116.
43. E. Drioton, *Faith and Thought*, 91 (1959) págs. 191/193.
44. Para um sumário das importantes descobertas hebraicas, veja S. Moscati, *L'Epigrafi Ebraica Antica*, em *Biblica et Orientalia*, nº 15 (1951) de Gezer, que discute o Calendário e a Ostraca Samaritana, a Inscrição de Siloé, o Ostracon de Ofel, os selos, as bulas, os cabos de jarros, os Marfins Samaritanos e novas inscrições.
45. H. Nibley, *Lehi in the Desert*, etc. (Salt Lake City Bookcraft, 1952), pág. 8, fl. 109.
46. M. L. Margolis, em *Jewish Quarterly Review*, 2 (1911-12) pág. 419.
47. C. Torrey, em *Journal of Near Eastern Studies*, 13 (1954) págs. 149/153.
48. Margolis, op. cit. págs. 430/435.
49. T. L. Woolley, *Digging Up the Past* (Middlesex: Harmondsworth, 1950) págs. 64/66.
50. "Os contratos de Kirkuk e Nuzu confrontam-nos com paralelos bíblicos, que se agrupam ao redor dos patriarcas... Abraão era de origem mesopotâmica, seu filho e seu neto casaram-se com moças de sua parentela em Mitanni. Ao mesmo tempo, havia sangue egípcio na família patriarcal... os hebreus patriarcais aproveitaram o lugar e a época ideais para fazerem-se herdeiros da rica e variada herança do Oriente Próximo inteiro..." C. Gordon, em *Journal of Near Eastern Studies*, 13 (1964) págs. 56/59 e idem 11 (1952) pág. 212.
51. Y. Yadin, *A Genesis Apocryphon* (Jerusalém, Universidade Hebraica, 1956) pág. 8.
52. K. A. Kitchen, em *Faith and Thought*, 91 (1959) págs. 180/184.
53. Veja a *Improvement Era* de março de 1956, pág. 152.
54. N. Glueck, em *Proceedings of the American Philosophical Society*, 100 (1956) págs. 150/155.
55. W. F. Albright e D. N. Freedman, em *Journal of Bible and Religion*, 31 (1963) pág. 111.
56. F. M. Cross, em *The Biblical Archeologist*, fevereiro de 1954, página 17.
57. G. Kuhn, em *Theologische Literaturzeitung*, 85 (1960) pág. 651. Para a última lista dos novos textos, R. Meyer, idem (1963) pág. 19.
58. F. M. Cross, op. cit. pág. 2.
59. Idem, pág. 11.
60. R. Brownlee, em *The Biblical Archeologist*, setembro de 1951, pág. 54.
61. Falamos sobre este tema, mais longamente, em *An Approach of the Book of Mormon*, págs. 133/162 (capítulos 13-15).
62. *The Improvement Era*, 157, fevereiro de 1954, pág. 89.
63. M. Black, *The Scrolls and Christian Origins* (N. York, Scribner, 1961) pág. 12.
64. J. M. Allegro, *The Treasure of the Copper Scroll*, (N. York: Doubleday, 1960) pág. 25.
65. Idem, pág. 27; A. Dupont-Sommer, em *Revue de l'Histoire des Religions*, 151 (1957), pág. 25.
66. Allegro, op. cit. pág. 62.
67. Traduzido por Allegro, com reprodução do texto, nas págs. 33, 43 e 47.
68. "Usar tais coisas para um propósito não religioso, era um pecado hediondo." Idem, pág. 61.
69. Nefi 4:4. Note-se que eles apenas precisavam de sustento para um ano e meio; os suprimentos de sete anos eram aparentemente familiares e tradicionais.
70. Allegro op. cit. pág. 27.
71. Idem, págs. 28/30.
72. Existe uma reprodução disto, junto com uma discussão sobre os "Antigos Registros em Placas de Metal," Franklin S. Harris Junior, *The Book of Mormon Message and Evidences* (Salt Lake City Desert News Press, 1953) págs. 95/105.

# Juventude da Promessa

Marion D. Hanks  
Elaine Cannon

"... quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração..." (Col. 3:23)



\* Certa noite o telefone tocou e Ari Figueira, o jovem supervisor do comitê missionário convidou-me a fazer parte do mesmo. Aceitei com relutância, pois como muita gente, pensei primeiramente em mim mesmo. As reuniões extras que teria pela frente e as ocasiões em que não teria tempo para a refeição matinal faziam-me recusar. Entretanto, certa experiência que tive, quando o grupo de estudantes do qual eu fazia parte foi encarregado de decorar o salão de bailes da escola, eliminou completamente as reservas que me impediam de aceitar. O assunto religião surgiu entre um outro membro da Igreja, dois amigos não-mórmons e eu.

Discutíamos as diferenças básicas entre nossas crenças. Também falamos a respeito do Livro de Mórmon e sobre o fato de que aquelas coisas que Joseph Smith traduzira acerca dos primeiros habitantes americanos estavam sendo "descobertas" agora.

De repente percebi que as coisas de que falávamos tinham de ser verdadeiras. Um sentimento maravilhoso e inexprimível se apoderou de mim. Pude então crer que se tratava de um fato real. Pela primeira vez em minha vida soube que tôdas as coisas que me haviam sido ensinadas desde pequeno eram verdadeiras. Naquela noite perguntamos àquêles rapazes se gostariam de assistir o filme "A busca do homem pela felicidade," exibido no Pavilhão Mórmon da



● SEJA UM MEMBRO ATIVO ● SEJA UM MEMBRO ATIVO ● SEJA UM MISSIONÁRIO ATIVO ● SEJA UM MEM

Richard T. Jackson

Feira de Nova York. Ambos responderam afirmativamente. O filme foi excelente e depois de perguntar-lhes se desejavam voltar e aprender mais, um deles aceitou e o outro rejeitou. No entanto, este último nos agradeceu pelo interesse que lhe dedicamos e também pela exibição do filme. Continuamos a discussão com o rapaz que se interessara. Conversamos sobre a organização da Igreja no tempo de Cristo e a identidade de nossa Igreja, comparada à primitiva. O espírito do evangelho fez-se sentir em todos na sala. Mais tarde, quando regressávamos ao carro, ele virou-se e me disse, "Sabe, tudo isso nos faz meditar, não é mesmo?"

Esta felicidade era bem maior do que a felicidade ou conforto que imaginei que perderia naquela noite, quando fui convidado a fazer parte do comitê missionário. Jesus disse, "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus." (Mat. 5:16)

Hoje em dia o Pres. McKay acentua novamente a importância de que devemos deixar resplandecer nossa luz diante dos homens. Pede que cada indivíduo seja um missionário. E eu gostaria de reiterar este desafio ao jovens da Igreja — sejam membros ativos do programa missionário.



Então, você foi convidado a fazer um discurso? Parabéns! Antes de iniciar sua palestra, tenha em mente duas coisas realmente muito

importantes:

1. Se você quer comunicar algo, assegure-se de que sua mensagem vale mesmo a pena, ao menos pelo tempo que gastou para prepará-la.
2. Comunique-a com espiritualidade. Fácil? Para alguns o é, realmente, mas para outros é mais difícil. Há problemas aos quais não podemos fazer vistas grossas ou abordarmos apenas de leve. Um dos mais difíceis obstáculos é sobrepujar o medo. Você se lembra do primeiro discursinho de 2.1/2 minutos que pronunciou? Para alguns é um "bicho de sete cabeças," no entanto, para outros é bastante simples. Algumas pessoas, em virtude da tendência natural à extroversão, vibram e irradiam alegria toda vez que são designadas para falar. Se você não fôr desse tipo, aceite-se como é e esforce-se ao máximo com aquilo de que dispõe. Não obstante este qualificativo natural de algumas pessoas, todos podem falar, desde que possuam o aparelho fonador em perfeito estado.

A inibição é sobrepujada através de prática contínua. Cada vez que falamos perante um auditório, aprendemos a controlar esta inibição natural.

Não existe comunicação sem ser por transmissão espiritual. O significado de uma sentença cala profundamente nas pessoas, se esta fôr pronunciada com espírito. Isto não significa que devemos dar um espetáculo. Nem tampouco que precisamos ensaiar os gestos; o que seria de mau gosto.

Mas, por outro lado, quantas vezes somos levados a nos desgostar e saímos da capela irritados com os pontos negativos de um orador que desempenha sua tarefa sem vibração alguma, de maneira parada, inalterada, inarticulada? Palavras, palavras,



● SEJA UM MEMBRO ATIVO ● SEJA UM MEMBRO ATIVO ● SEJA UM ORADOR ATIVO ● SEJA UM MEMBRO A

Rex Campbell

palavras que se multiplicam interminável e monótonamente, em virtude da falta de espiritualidade. A frase, "A glória de Deus é a inteligência" pode ser dita de diversos modos! Pode surgir vívida e ondulante, em virtude dos sons articulados, ou também para que a absorvamos e restauremos nossas energias através do sentido que encerra. Ou pode ser resmungada sem absolutamente expressão nenhuma, para cair quase que sem vida diante de nós, deixando-nos matutar a respeito do que a fêz durar tanto tempo.



Você sentirá sua fôrça pelo semblante dos oradores nas diversas reuniões. Se você fôr dos que são abençoados com o dom da oratória, sentirá a grande fôrça de sua posição: moldará as opiniões e mudará as perspectivas. Poderá curar as mentes e purificar os corações. Ajudará a elevar os padrões de bondade onde quer que sua voz e mensagem sejam ouvidas. Em breve acabará por descobrir o dom da oratória. Acalente-o e use-o com satisfação. Seja um membro ativo — e falante!



Os coquetéis e as recepções, tal como outrora, dominam totalmente a vida social do homem moderno.

Reuniões de homens de negócio, médicos, advogados, educadores, quase em todos os lugares fora da Igreja — nos lares, hotéis ou outro qualquer lugar, não são diferentes. Como sobreviverão e prosperarão os que se abstêm? (Acredite-me, eles o conseguem.) Dizendo simplesmente, "Não, obrigado," quando o anfitrião, o garçon ou o amigo chegam a lhes fazer um convite de tal espécie. Eu, juntamente com outros proeminentes membros da Igreja que conheço, somos veteranos, pelas vêzes que nos defrontamos com tais situações. Elas nunca me deram trabalho. Sempre encontrei outros como eu e nunca me senti só ou desconfortável. As pessoas inteligentes e educadas compreendem e respeitam as diferenças individuais. Se está em companhia de alguém que não respeita as diferenças, seria mais conveniente arranjar outras amizades, pois você se encontra em companhia errada.

Uma das primeiras coisas que um homem ou mulher de sucesso tem de aprender, com relação aos padrões de nossa Igreja (se quiser manter os seus padrões pessoais) é dizer delicadamente **Não**. Você não está só. Os outros também têm os seus padrões. As



● SEJA UM MEMBRO ATIVO ● SEJA UM MEMBRO ATIVO ● VIVER NO MUNDO ● SEJA UM MEMBRO ATIVO

Homer Durham

peças de classe respeitam os padrões alheios e concedem aos outros o mesmo privilégio. Aprendi isso durante as inúmeras vezes que estive em Lago Salgado, Londres, Washington, Nova York, Fênix, São Francisco, Denver, Los Angeles e em todos os lugares onde minhas responsabilidades me levaram. Quando meus amigos e conhecidos vêm à minha casa, já sabem o que esperar e o que não esperar. Respeitam os meus padrões. A fé do tamanho de um grão de mostarda ou ainda menor que seja, realiza maravilhas em qualquer circunstância. Os padrões pessoais mantidos pela Igreja têm sido testados através dos tempos. Confie nêles.



\* É maravilhoso estar-se vivo! Realmente vivo! Possuir aquele sentimento e disposição que nos fazem olhar ao redor com olhos cintilantes e ávidos de novidades e coisas interessantes; aquele entusiasmo que nos mantém interessados e cheios de energia. Quando uma pessoa, não importa qual seja a sua idade, consegue pôr essa atividade em

ação, contagia outras pessoas, promove realizações e se alegra com isso. Que bênção trabalhar com alguém assim! Mas como foi que tal pessoa se tornou dessa maneira? O que a leva a vibrar de forma tão vivaz?

**Motivação** — é uma palavra expressiva. Significa movimento, algo a ser feito imediatamente. É um vocábulo vivo. Está subentendido na ação que encerra — é o porquê das coisas. A melhor motivação é o amor — amor por nosso Pai Celestial, amor por seus filhos. Soa um tanto idealístico, não é mesmo? Mas é fácil de se realizar. Comece no lar, ao reparar nas coisas boas que seus familiares lhe dedicam, notando suas boas qualidades, mencionando essas mesmas qualidades de vez em quando, dedicando-lhes também suas gentilezas. Depois, poderá então estendê-las à vizinhança e agir da mesma forma com os seus amigos. Logo você se encontrará tomado desse mesmo sentimento altruístico de amor e entusiasmo. Um outro vocábulo também bastante expressivo é **participação**. Quer dizer ação, tomar parte, ser um realizador. É surpreendente como nos sentimos logo reanimados quando fazemos algo. Falemos agora sobre o trabalho. É uma boa maneira de se usar estas duas palavras — **motivação** e **participação**. “Ora, o trabalho,” diz você, “quem precisa de trabalhar?” O basquete e o tênis tornar-se-ão maçantes se não houver entusiasmo de sua parte. Dançar, ler, fazer compras, andar a cavalo ou qualquer outra atividade que você possa imaginar tornar-se-ão maçantes se você não se entusiasmar e não se mantiver ativo. Trabalho significa simplesmente dispender esforços para realizar alguma atividade com propósito. Nada se compara ao sentimento de amizade, amor, satisfação e alegria autêntica que uma pessoa desfruta ao participar de um projeto de trabalho.



● SEJA UM MEMBRO ATIVO ● SEJA UM MEMBRO ATIVO ● SEJA UM MEMBRO ATIVO ● SEJA UM MEMBRO ATIVO

Joy T. Cracroft

Você pode rir, conversar, trocar idéias e conseguir o sentimento de estar realizando algo de valor. É esta, pois, a chave para ser ativo e participar de atividades com um propósito em mira. Realize-os por amor ao seu Pai Celestial, aos seus amigos e pela alegria completa de simplesmente realizar.



Nada se pode fazer com respeito às condições atmosféricas: podemos apenas nos adaptar a elas. Mas o clima de nosso lar é diferente. A maioria das pessoas sonha em possuir um lar onde as condições climatéricas sejam ideais, isto é, com muito sol, manhãs claras e



amenas. É um belo sonho, realmente desejável e com possibilidades de se realizar a contento.

Mas não acontece acidentalmente; temos de fazer algo a respeito. Se você não tomar providências e planejar para que se torne realidade, a atmosfera do seu futuro lar será carregada de neblina e tempestade.

Comece agora a planejar e trabalhar

cuidadosamente; depois, quando o seu lar ideal se materializar, irradiará uma atmosfera suave e desejável. Como começar? Faça-se as seguintes perguntas: **Qual o clima que prevalece em meu lar? É geralmente claro e ameno ou fazemos desencadear borrascas acompanhadas de ondas de frio — trovões e tempestades com relâmpagos, seguidas de calmarias?**

Se você estiver vivendo em um lar cheio de cooperação e felicidades no presente momento, a previsão é de céu azul diante de seus olhos. Por outro lado, se tiver um lar tumultuoso, deverá se perguntar ainda:

**Estarei agravando as condições atmosféricas? Minhas ações contribuem para isso? É possível que o clima melhore quando eu estou longe do lar?**

Você não é o primeiro a sonhar com um clima ideal para seu futuro lar. Seus pais tiveram o mesmo sonho quando tinham sua idade. Ponha-se no lugar de seu pai por uns instantes. Como resolveria situações em seu lar, com filhos que agissem da maneira que você age? Você pode mudar as coisas que lhe são desagradáveis se começar agora mesmo. É uma experiência fascinante descobrir que você pode influenciar o clima de seu lar e achar o modo de transformá-lo. Em seus planos não cogite reformar os outros membros da família; você vai trabalhar somente consigo mesmo. Seu procedimento não será complicado, mas requererá determinação.

Consiste apenas em pensar nas necessidades e bem-estar dos outros membros da família, agindo de acôrdo com êsse objetivo, ao invés de considerar exclusivamente suas próprias necessidades e desejos. Será imprescindível que você consulte o perito em assuntos climatéricos no lar, que é, naturalmente, o Pai Eterno. Se você desempenhar a sério esta experiência, ficará assombrado e ao mesmo tempo feliz com os resultados!



● SEJA UM MEMBRO ATIVO ● SEJA UM MEMBRO ATIVO ● SEJA UM MEMBRO ATIVO ● SEJA UM MEMBRO ATI

Arta M. Hale

(continuação da pág. 15)

Quarta-feira, logo que terminou o serviço de casa, tirou do dinheiro da alimentação o suficiente para pagar uma babá e novamente saiu para procurar emprêgo na cidade. Foi ao banco, aos escritórios, às duas pequenas fábricas e ao fórum. Todos tinham a mesma resposta — não há vaga. Todos diziam que, se aparecesse qualquer coisa, comunicar-se-iam com ela.

Finalmente voltou para casa, bem cansada. Seus ombros estavam encurvados e seus pés estavam inchados.

Pagou e despediu a babá, tirou os sapatos e dirigiu-se para a sua poltrona. Sentou-se, profundamente cansada, olhando para o nada. O bebê chorou e ela não se moveu. Susana tocou em seu joelho, mas ela não lhe deu atenção.

Algumas horas mais tarde, ao sentir o dia escurecer, levantou-se. Pegou o bebê, deu-lhe banho, alimentou-o e colocou-o no berço. Lavou o rosto da filha, deu-lhe o jantar, beijou-a e abraçou-a. Durante todo

êsse tempo nada falou e nem sorriu. Um grande cansaço espiritual a dominava.

Olhou para a porta, tirou a roupa e ia deitar-se quando se lembrou das cartas.

Recebera duas cartas antes do almoço e as colocara dentro da bolsa, correndo até o banco, antes que o gerente saísse para almoçar.

Tirou o roupão do armário, procurou a bolsa e pegou as cartas. A primeira era assinada por Arnaldo Guedes, gerente do banco de uma cidadezinha localizada a dez quilômetros de onde seus pais moravam. A carta dizia:

“Prezada Senhora:

Uma de nossas caixas vai deixá-los para casar-se dentro de três semanas. Falei com seu pai, quando estêve aqui hoje à tarde, e êle disse que a senhora talvez se interessasse pelo serviço. O salário inicial é de Cr\$ 200.000 por mês. Se aceitar o emprêgo, por favor, comunique-nos ainda esta semana.”

A outra carta era de sua mãe. Quando a abriu, um cheque caiu.

A mãe falava sôbre a saúde do pai e sôbre ela própria. Mais ou menos no meio da página leu o seguinte:

“...e também Fernando vai para lá todos os dias. Falou-me que, se você aceitar o emprêgo no banco, poderá levá-la.

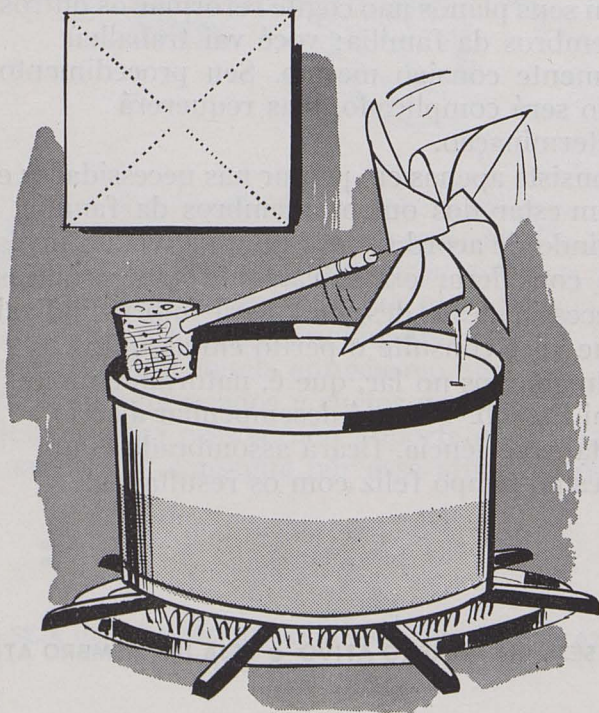
Lembra-se do que lhe escrevi a respeito da espôsa de Fernando, que morreu algumas semanas após o nascimento de Susana? Seu filho Mauro tem seis anos. Tomo conta dêle, depois que volta da escola, até que o pai chegue do serviço.

Seu pai envia-lhe um cheque; talvez você precise dêsse dinheiro para chegar até aqui. O banco deseja sua resposta o mais breve possível. Por favor, escreva-nos contando o que decidiu.”

Lia ajoelhou-se ao lado da cama e grossas lágrimas de gratidão rolaram por suas faces.

Alegremente colocou as mãos no rosto macio de Carlos. Silenciosamente deitou-se perto de Susana. O imenso cansaço que sentia transformou-se em esquecimento quando adormeceu.

## MEU CANTINHO



### COMO FAZER UMA ENGENHOCA

#### Material:

lata vazia com tampa  
lápiz com borracha na ponta  
fôlha (quadrada) de papel alumínio  
rôlha, pregos, alfinete

A mais ou menos 2 cm da borda da tampa, faça um orifício com o prego. Faça uma ventarola com o papel alumínio; prenda-a com um alfinete e espete-a na borracha do lápis.

Pregue a rôlha do outro lado da tampa, enfie o lápis, a fim de que a ventarola fique pouco acima do orifício feito com o prego.

Coloque um pouco de água na lata e leve-a ao fogo.

Quando a água começar a ferver, formará o vapor, o qual sairá pelo orifício da tampa e fará a ventarola girar.

É assim que o vapor faz, claro que em escala bem maior, para uma máquina funcionar!

# PROGRAMA NOITE FAMILIAR

LIÇÕES PARA JULHO

1.ª SEMANA

O PAI CELESTIAL NOS ENSINA A CRESCER ESPIRITUALMENTE QUANDO SOLUCIONAMOS OS NOSSOS PROBLEMAS

## Introdução:

Pergunte aos familiares se usaram as questões do arrependimento durante a semana passada. Depois de responderem, peça a alguém para contar do seu esforço em conseguir chegar à meta desejada.

## Lição:

1. *Satisfação e progresso ao resolver os problemas*

O propósito desta atividade é ajudar os familiares a sentirem o senso de realização quando solucionarem seus problemas:

Peça às crianças para reunirem as peças de um quebra-cabeças, que poderá ser feito de uma gravura colorida, cortada em vários pedaços de tamanho irregular. Aos mais velhos faça estas perguntas: Um homem foi ao hospital para visitar um paciente. Foi-lhe dito que somente os parentes mais próximos poderiam entrar. O homem replicou, "Irmão e irmã eu não tenho, mas o pai deste homem é filho de meu pai." Ele poderia entrar? Qual o seu parentesco com o doente? (O doente era seu filho.)

Depois peça-lhes para duplicar o número de sua residência, adicionar 5, multiplicar o total por 50, adicionar sua idade, adicionar 365, e subtrair 615. A resposta deverá mostrar sua idade e o número de sua residência à esquerda.

Pergunte como se sentiram ao resolver esses problemas. Ajude-os a verem que a solução de problemas resulta em crescimento espiritual.

Entretanto, há problemas de diversos tipos e nem sempre são resolvidos como o que acabamos de ver. (A esse ponto da lição, cada qual deverá saber perfeitamente o que a palavra "problema" significa.)

As crianças ficam muito surpresas ao perceberem que seus pais têm problemas. Os pais, por outro lado, devem respeitar os problemas de seus filhos pois, apesar de triviais para os primeiros, são realmente sérios para os últimos. Saliente a idéia de que, apesar de todos terem problemas, o Pai Celestial nos ajuda a solucioná-los. Cada qual encontra diferentes tipos de problemas, alguns pequenos, outros grandes. Quando surge o sofrimento e a dificuldade muitas pessoas pensam que o Pai deixou de amá-las. Qual é a opinião de sua família? Antes de responderem conte o seguinte episódio:

A família Matias vivia na cidade, mas possuía um sítio no interior do Estado. Quando os rapazes cresceram, os pais resolveram deixá-los cuidar do

sítio durante as férias de fim de ano. Teriam de cozinhar, irrigar as plantações, consertar cercas. Alguns parentes criticaram os Matias, dizendo que haviam deixado muitas responsabilidades nas mãos dos rapazes, os quais poderiam machucar-se com o trator, não fazer a colheita direito, etc. Entretanto, eles haviam sido ensinados cuidadosamente em férias anteriores e sabiam manejar e consertar todas as máquinas da fazenda. Os pais também sentiam-se preocupados e tinham vontade de ir até lá, mas procuravam controlar-se. Naturalmente os rapazes fizeram muitos erros, mas aprenderam com eles e quando sentiam que um problema era insolúvel, telefonavam aos pais e seguiam à risca os seus conselhos.

Anos mais tarde, quando a família se reunia, os irmãos sempre lembravam de suas férias daquele verão e de suas experiências tristes e alegres. Os pais desses jovens demonstraram-lhes amor, ao permitir que treinassem para enfrentar os problemas da vida? Com essa história em mente, repita a pergunta feita mais acima. Da mesma forma como na história, o Pai nos permite vir à terra para aprendermos a solucionar nossos problemas. Se os rapazes tivessem ficado no lar, talvez nunca aprendessem a resolver seus problemas de forma tão eficaz como aprenderam no sítio. Esses rapazes, quando tinham algum problema, telefonavam aos pais. Temos algum modo de chamar o Pai para nos ajudar?

2. *A solução de problemas nos torna fortes*

Antes de lerem juntos a seguinte escritura, relembre brevemente a circunstância sob a qual ela foi dada. Acha-se na lição "O Pai Celestial responde nossas orações da melhor maneira," na revista de abril. O Profeta Joseph Smith encontrava-se na prisão de Liberty, profundamente preocupado com o povo da Igreja, que estava sendo expulso de seus lares; além disso, sentia grande ansiedade por sua esposa e filhos. Durante esses dias desencorajadores o Senhor lhe disse: (D&C 122:7) Vocês gostariam de ter problemas tão sérios quanto este? Que palavras nesse versículo nos ajudam a enfrentar nossos problemas? ("... saibas, meu filho, que todas estas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem.")

3. *Uma vida reta não evita adversidades*

Há grandes bênçãos provenientes do serviço e devoção à Igreja, mas tais atividades não trazem necessariamente

a imunidade contra os problemas. O Senhor nunca prometeu que estaríamos isentos deles; ao contrário, algumas das pessoas mais devotas tiveram os maiores testes. Quais algumas das adversidades que vieram a Jesus? Paulo viajou e pregou mais o evangelho do que qualquer outro apóstolo; ainda assim foi açoitado pelos judeus e pelos romanos, apedrejado, roubado; estava sempre faminto e sedento. (Entenderão melhor lendo II Cor. 11:24-28).

4. *Confiar no Pai, quando estivermos em adversidades, no dará forças*

Duas mães tiveram idênticas experiências. Cada qual tinha um filho que sofria de uma doença incurável. Uma delas estava inconsolável. Sua tristeza era tão grande que ficou doente e por isso não podia tomar conta do filho inválido e nem dos outros familiares. Sua amargura era tão profunda que toda a família sofria com ela. A outra mãe, da mesma forma, estava com o coração quebrantado. Mas sua fé parecia dar-lhe forças para cuidar do filho. A primeira mãe veio a ela e perguntou como conseguia fazer aquilo; e ela disse, "Eu desenvolvi um senso de valores mais verdadeiros. As pequenas coisas não me aborrecem mais e estou agradecida ao Senhor, que me ensinou isso."

A segunda mãe tinha grande fé e por isso sua compreensão cresceu. A primeira era igual a muitas pessoas, que pensam que quando os problemas chegam, Deus está contra nós. Isso não é verdade. A presença de dificuldades em nossas vidas não significa que o Pai Celestial não nos ama. Os pais dos rapazes da outra história deixaram de os amar quando os mandaram para o sítio?

## PROGRAMA SUGERIDO

1.ª semana

**Hino:** "Deus é consolador sem par", n.º 35.

**Oração:**

**Apresentação instrumental ou vocal:** Por um dos familiares.

**Lição:**

**Objetivo:** Inspirar sua família a encarar os problemas com que se deparam, com uma oportunidade de crescerem espiritualmente.

**Memorização:** Última sentença de D&C 122:7.

**Atividade:** Pôr em dia o Álbum de Reconstruções (Genealogia da família).

**Hino:** "Somos os soldados," n.º 67.

**Oração:**

**Lanche:** Bolo de laranja com refresco.

**Lição:****1. O Pai amoroso tudo providenciou para nós**

Pergunte: O que é necessário para que possamos sustentar a vida física aqui na terra?

Veja quantos itens a família consegue enumerar; os mesmos poderão ser agrupados sob 7 divisões. Escreva-os num papel: AR/ÁGUA/SOL/SOLO/VEGETAÇÃO/MINERAIS/ANIMAIS.

Peça a cada um para dizer o nome de um objeto e depois classifique-o segundo a divisão acima. Uma criança poderá enumerar a palavra *leite*, fazendo um retrocesso da leiteria para a vaca e depois colocando sob a divisão de *vida animal*. Outra criança poderá enumerar *eletricidade*. Deverá retroceder à usina hidroelétrica, onde a água fornece a força. Conforme prossegue o jogo, mencione que nem sempre poderemos identificar o produto com sua fonte de origem, uma vez que as coisas da natureza dependem uma da outra. Por exemplo: o leite pode ser identificado com a vaca e com a vida animal, mas a vaca deve ter grama para produzir leite, assim, o leite pode ser relacionado à vegetação, ao solo, ao sol, à água e ao ar que são necessários para a produção da grama.

Diga à família que em média uma pessoa pode viver sem água por 72 hs. e sem alimentação por 40/60 dias, mas sem ar somente alguns minutos. Além disso, o ar tem a mistura exata de nitrogênio, oxigênio e outros elementos que tornam nossa vida possível.

Pergunte: De que forma o Senhor demonstra seu amor por nós, se em vez de nos dar os produtos já prontos, dá-nos apenas as matérias primas?

A resposta deve incluir a idéia da lição anterior, ou seja, que trabalhar para a solução dos nossos problemas nos traz crescimento.

**2. As escrituras testificam que Deus criou o mundo**

Onde aprendemos que o Pai providenciou todas essas coisas para o nosso uso? Peça a alguém para repetir a primeira frase da Bíblia. Depois leiam juntos as palavras do profeta Lehi, que viveu há 600 a.D. (2 Nefi 2:14) Agora deverão ler as palavras de Jesus a Joseph Smith, em Doutrina e Convênios 20:17.

Peça ao filho mais velho que expresse em suas palavras a idéia da escritura lida.

**3. Compreendendo o amor do Pai Celestial**

Para que percebam a maravilha da obra de Deus, peça a um familiar para ler a citação abaixo. É de um grande

homem que ainda vive. Henry Eyring é um SUD que teve amplo conhecimento do mundo como cientista:

"Contemplando esta assombrosa ordem inspiradora, que se estende do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, ficamos assombrados com sua grandeza e sua sabedoria infinita, a qual concebeu, criou e governa tudo. Nossa compreensão, grande como parece ser, não passa do assombro de uma criança quando mede a Onisciência... a grande mensagem do evangelho restaurado é que o Criador não somente fez o mundo, mas que o fez para seus filhos e que ainda está ativamente interessado num plano que não foi completado há dois mil anos atrás, como alguns supõem. (*Science and your faith in God*, compilado por Raul R. Green.)

O rei Davi expressou seus sentimentos e adoração ao Senhor, o Criador do mundo, nas seguintes palavras de Salmos 8:39 (Peça a um filho para ler.):

**4. Temos a responsabilidade de usar sabiamente as criações de Deus**

Peça aos familiares para indicarem, segundo D&C 59:18-20, de que forma o Senhor deseja que usemos suas criações.

Como podemos usar "com juízo" algumas das coisas que o Pai nos deu?

**5. Espalhar lixo demonstra desrespeito para com o mundo criado pelo Pai**

Pergunte: há algum mal em jogar papéis de balas no chão, quando estamos fora de casa? Em alguns países, isto representa uma séria infração, para a qual existem pesadas multas.

Qual a razão adicional por que nós, como SUD devemos obedecer a lei? (Acreditamos que o mundo foi criado para nós por um Pai amoroso, que espera que o usemos "com juízo.")

Um dos modos pelos quais podemos demonstrar ao Pai que estamos agradecidos por tudo que criou, é mostrar respeito para com sua Casa de Adoração.

Peça a um filho para ler a seguinte história (Os outros deverão anotar as vezes em que alguma coisa não está certa.):

**A família Santos deixa evidências de sua estada na Igreja**

Os Santos estão chegando à Igreja. O pai jogou no gramado alguns lenços de papel, que haviam sido usados para enxugar as mãos das crianças. Como estavam com pressa, atravessaram o gramado e as crianças passaram pelo canteiro de flores. Ao se aproximarem da porta, o pai deu às crianças algumas balas e jogou o papel na escada. Durante a reunião o bebê ficou inquieto e a mãe lhe deu um hinário para brincar. Quando este havia rasgado umas

duas páginas, deram-lhe um carrinho de metal, que além de arranhar o banco quando o bebê o esfregava, também fazia um barulho bem desagradável. Mais tarde, deram bolachas às crianças e os farelos caíram no tapete. Depois da reunião, voltaram para o carro e apesar de não estarem com pressa, voltaram por onde tinham vindo, isto é, pelo gramado. Quantas coisas erradas vocês anotaram?

Depois de comentarem os erros dessa família, avalie o comportamento de SUA FAMÍLIA na Igreja. Verifiquem os pontos negativos que devem ser melhorados.

**Designação:**

Durante esta semana a família procurará mostrar que tem amor pelo mundo criado pelo Senhor. Faça o seguinte teste, que os familiares deverão responder *sempre, nunca, às vezes*.

- jogo papéis no chão?
- quando viajo, jogo lixo pela janela do carro?
- jogo lixo no gramado da Igreja?
- junto o lixo que encontro na Igreja?

A mãe deverá providenciar vários recipientes de lixo, que serão espalhados pela casa, para melhor execução da designação, que será a de os familiares manterem limpos os vários aposentos de sua casa.

**Atividade:**

"Água, terra e ar."

A pessoa escolhida como líder permanece no meio da roda formada pelos familiares. Aponta para alguém e diz, por ex: *ar* e a pessoa escolhida deve dizer o nome de alguma coisa que existe no ar (pássaros, nuvens, etc.) O líder deverá contar até dez e se a pessoa escolhida não lembrar de nada, passará a dirigir o jogo.

**PROGRAMA SUGERIDO****2.ª semana**

**Hino:** "Somos os soldados," n.º 67.

**Oração:**

**Poesia:** Por um dos filhos.

**Lição:**

**Objetivo:** Inspirar a família a sentir profunda apreciação pelo mundo que o Pai criou para seus filhos. Ensiná-los a expressarem essa apreciação cuidando do mundo do Pai e preservando sua beleza.

**Memorização:** D&C 59:18.

**Atividade:** Jogo "Água, terra e ar."

**Hino:** "Dêste mundo as flores mil" n.º 136.

**Oração:**

**Lanche:** Sanduíche de sardinhas com guaraná.

**Lição:****1. O que o cuidado do Pai para conosco nos faz sentir**

Mostre uma flor, fruta ou folha e pergunte aos familiares: De onde veio isto? Quem a fez? Peça-lhes para enumerarem outras coisas que o Pai Celestial tenha feito.

Diga-lhes que Ele deu vida a todas as coisas por uma razão muito especial. Leia Moisés 2:29, a fim de mostrar qual é a razão especial. Isto significa que algumas árvores, ervas e frutas foram feitas para alimento. O Pai também planejou para que usássemos algumas plantas e peles de animais como vestimentas. Entretanto, há ainda outra razão. Leia Moisés 3:9. Depois de ler repita estas palavras, "... que são agradáveis à vista do homem." Algumas coisas foram feitas simplesmente para a alegria do homem.

Pergunte: O que sentem ao saber que Deus planejou cuidadosamente a criação, visando a alegria e o conforto de seus filhos? O Pai sabe de todas as necessidades de seus filhos. Vocês já notaram como agem os bebês? Não sabem preparar mamadeiras, nem vestir-se. Por isso mesmo o Senhor lhes deu pais terrenos que cuidassem deles.

Pergunte: O que sentem ao saber que o Senhor planejou que seus filhos tivessem pais para tomar conta deles?

O Pai conhece seus filhos e sabe que algumas vezes não fazemos escolhas acertadas. Sabe também que alguns são mentirosos, falsos, ladrões, assassinos. Foi com profundo amor e consideração que o Pai preparou o caminho para que eles sobrepujassem suas fraquezas e viessem viver com Ele. Esse caminho é o arrependimento. Quando alguém se arrepende, o Senhor não se volta contra ele. (Leia D&C 58:42.)

Pergunte: Como se sentem ao saber que o Pai nos ama o suficiente para esquecer nossas faltas e nos dá outra oportunidade? Como se sentem ao saber que são tão importantes para o Pai? Neste ponto, peça a alguém que já tenha se preparado com antecedência, para cantar as primeiras duas estrofes de "Ó Meu Pai," nº 35. A canção poderá também ser tocada ao piano, o que dará à família a oportunidade de pensar alguns minutos no grande amor que o Pai nos dedica.

**2. Diferentes modos de expressarmos amor**

Há diferentes modos de expressarmos nosso amor. Os filhos fingirão que estão fazendo uma viagem ao redor do mundo. Em primeiro lugar passearão num país onde haja uma rainha (Inglaterra, por exemplo). Passeiam pela capital e depois vão conhecer a rainha. É um momento inolvidável. Chegam ao salão de recepções, onde a rainha os espera.

Pergunte: o que dirão a ela? Como vão cumprimentá-la? Ajude-os a compreender que o que sentem por ela é respeito e admiração pela elegância e grandeza que a rodeiam.

Depois partem para outro país. Em certa rua, encontram-se inesperadamente com um amigo muito querido. Pergunte: O que farão? Como saudarão o amigo? Ressalte que o que sentem por ele é amizade, devido às experiências compartilhadas.

Prosseguindo a viagem, chegam a Lago Salgado, onde ficam sabendo que irão conhecer o Presidente da Igreja — o Profeta de Deus. Entram em seu escritório e ele sorri quando caminham em sua direção. Pergunte: O que farão? Como o saudarão? Deixe a família descrever seus sentimentos. Depois pergunte: É um sentimento diferente do que tiveram pela rainha? E pelo amigo?

Ajude-os a compreender que o sentimento pelo profeta significa um grande assombro por causa do evangelho e porque sentem sua própria fraqueza.

Quando a viagem termina, as crianças sentem-se felizes de retornarem ao lar. De repente vêm seus pais esperando para saudá-los e levá-los para casa. Pergunte: Como saudarão seus pais? O seu amor por eles difere do das pessoas que viram e conheceram? Os laços que os unem a seus pais são muito fortes. Sentem um respeito especial por eles, apreciação, dedicação, intimidade e harmonia, resultantes dos laços físicos e emocionais que os anos de convívio produzem.

Respeito, admiração, amizade, intimidade, são todos manifestações de amor. O sentimento para com o Pai é diferente do sentimento por qualquer outra pessoa. Ajude os familiares a reconhecerem isto, pedindo a cada um deles que compare seu sentimento para com o Pai com o que sentem por uma rainha, por um amigo, pelo presidente da Igreja e pelos pais.

**3. Experimentamos um sentimento de adoração quando compreendemos o amor de Deus**

Pergunte a cada um o que a compreensão do amor de Deus os faz sentir. Conclua dizendo que quando compreendemos que o Pai nos ama, e nos deseja novamente em sua presença, experimentamos um sentimento de amor, reverência e adoração por Ele. Peça (com antecedência) que um filho conte a história de Alma com suas próprias palavras e finalize com a passagem Alma 36:3 (última frase.)

**4. Nossos sentimentos influenciam nossas ações**

Os sentimentos determinam o nosso modo de agir e dizer. Ilustre essa idéia usando exemplos ocorridos em sua própria família. Isto poderá ajudá-lo:

A — Eduardo gosta de pescar. Durante as férias ele vai ao rio quase todos os dias. De manhã até a noite só fala nisso. É muito evidente o que ele sente pela pesca, devido ao modo como fala e age.

B — João tem um rádio, construído por ele próprio. Quando fala sobre ele ou o mostra a alguém, suas palavras refletem o orgulho e o amor pelo trabalho que executou. O que sente revela-se em suas palavras.

Do mesmo modo que as palavras e ações demonstram o que sentimos pelas coisas corriqueiras, assim também os nossos verdadeiros sentimentos para com o Pai são refletidos em nossas ações. Peça a um filho para ler Mateus 22:37. O Pai nos dá essa revelação porque sabe que se o amarmos dêsse modo, o amor que sentimos será demonstrado em nossas ações.

Peça aos filhos que enumerem (vã marcando num papel) algumas coisas que podem ser feitas para demonstrarem o amor que sentem pelo Pai. Por exemplo:

A. Mostrarei ao Pai que o amo, falando gentilmente com meus irmãos.

B. Lembrarei que o alimento que como foi dado pelo Pai e o agradecerei.

C. Pronunciarei seu nome reverentemente. Não jurarei.

Depois disso faça um cartão como este:

**Cartão do Progresso**

Nome _____	Projeto para melhorar _____	
	Agí de acôrdo _____	Não agí de acôrdo _____
Segunda _____	_____	_____
Têrça _____	_____	_____
Quarta _____	_____	_____
Quinta _____	_____	_____
Sexta _____	_____	_____
Sábado _____	_____	_____
Domingo _____	_____	_____

Cada familiar marcará em seu cartão um item que escolher da lista feita há poucos minutos, devendo executá-lo durante toda a semana. Usando o cartão, a designação parecerá um jogo. A verificação poderá ser feita na hora das refeições ou em outra hora escolhida pela família. Mesmo as crianças que não sabem ler gostarão de participar.

**Atividade:****Como agir em caso de incêndio**

Esperamos que nunca haja incêndio em sua casa, mas isso pode acontecer e será muito bom para a família saber como agir numa situação dessas. Arrange uma folha de papel grande e faça a planta de sua casa. Assinale em vermelho todos os lugares onde haja possibilidade de uma pessoa sair. Inclua porões, sótãos e outros compartimentos que possam servir de abrigo temporário.

(38 '38d ru nrjroo)

## PROGRAMA SUGERIDO

## 4.ª semana

**Hino:** "Ó montanhas mil," n.º 106.

**Oração:**

## PERÍODO DE ATIVIDADE FAMILIAR

**Objetivo:** Ajudar os familiares a desenvolverem uma apreciação profunda pelo amor do Pai, conhecendo melhor a beleza e a maravilha de suas criações.

**Hino:** "Prolongue os bons momentos," n.º 55.

**Oração:**

**Lanche:** Pipoca doce.

## Nota aos pais:

Nas lições passadas, estivemos considerando os vários modos com que o Senhor nos mostra o seu amor. Uma das formas de nos sentirmos próximos a Ele é estarmos por algum tempo ao ar livre, entre suas criações.

O escritor Dallas L. Sharp, autor de muitos livros sobre a natureza, disse:

"Como amo os prados e bosques! Sou muito grato a minha mãe, por ter sido bastante sábia para mandar-me por esses espaços abertos, que são ao mesmo tempo silenciosos e profundos, ao invés de mandar-me ir brincar no portão de casa ou assistir filmes. Os prados e os bosques são o habitat natural das crianças. Os animais, pássaros e flores são seus companheiros naturais. As crianças desejam saber coisas sobre os animais, da mesma forma que desejam saber sobre os homens; e distinguem um canguru de um urso polar, da mesma forma que diferenciam Lincoln de Washington.

Dê às crianças a possibilidade de brincarem ao ar livre e alguém para acompanhá-las nesses folguedos e também livros para dar-lhes idéia do que ver. Assim conhecerão o céu, os campos verdejantes, os bosques com neve, os ventos violentos, as estrelas vigilantes e passarão a amar esta imensa Terra que é o nosso lar."

Vocês deverão adaptar esta atividade segundo as possibilidades de sua família. É óbvio que algumas das sugestões não são adequadas a determinadas localidades. Mas onde quer que vivam, nas montanhas, em vales ou no litoral — sempre haverá algo fascinante nas redondezas, com o que a família poderá aprender coisas úteis e ao mesmo tempo distrair-se.

Não importa o tipo de atividade escolhido, inicie e termine com uma oração. O programa será muito mais significativo se a família, no início e término do mesmo, chegar-se ao Pai para agradecer-lhe pelo seu amor e pela beleza que nos é facultado presenciar.

## Sugestões:

1. *Passeio ao ar livre*

Poderá ser feito num local distante ou mesmo perto de sua casa, de preferência num sábado. Há sempre alguma coisa bonita e de interesse à nossa volta — ar frêscio, grama, rochas, árvores, chuva, insetos, flores, pássaros; animais, água. Algumas famílias desejarão ir ao campo, para ver a variedade de espécies existentes na natureza. Outras desejarão "especializar-se," observando um determinado pássaro, verificando sua cor, tamanho, canto, hábitos, etc. Qualquer outro animal, vegetal ou mineral trará o mesmo interesse.

Não importa onde estejamos, se fomos observadores, veremos coisas que não havíamos notado antes.

As crianças poderão competir, verificando quem acha o maior número de espécies de flores, pássaros, árvores ou insetos. É muito interessante identificá-los, muitos dos quais vemos diariamente sem saber seus nomes.

Por falar nisso, existe uma interessante "sociedade" entre as coisas viventes: as flores fornecem o mel para as abelhas; mas enquanto estas estão tirando o mel, carregam também o pólen de uma planta à outra, para garantir a reprodução. Outra "sociedade" é feita entre as plantas e os peixes; as primeiras dão alimento e oxigênio aos peixes. Estes, em retribuição, dão às plantas o nitrogênio e o dióxido de carbono que elas necessitam.

Peça aos filhos em idade escolar que contem à família alguma coisa de interesse sobre a natureza, que tenham aprendido ultimamente.

Não elimine desta atividade o dia de chuva. Vestidos apropriadamente, os familiares poderão divertir-se da mesma forma com um passeio pela chuva. E, se tiverem sorte, poderão ver até um arco-íris. A família também poderá divertir-se visitando lugares como esse, nos quais incluem-se museu de história natural, horto, exposição de minérios.

2. *Em casa*

Muitas pessoas acham-se impossibilitadas de sair. Entretanto, mesmo assim poderão ter contato com a natureza, através de vários outros modos. Há lindos livros e revistas, vendidos a preços acessíveis, que poderão propiciar experiências interessantes. Os catálogos de sementes costumam ser fascinantes.

Uma outra coisa interessante é o de fazer-se um dos projetos aqui sugeridos:

*Jardim em miniatura*

Arranjem uma lata, coloquem terra. Desenhem num papel o modelo do jardim e depois "plantem" as árvores, arbustos e flores. Espalhem algumas pedras "com arte" e pronto! Se quise-

rem um jardim em miniatura *ao natural*, poderão plantar sementes fáceis de crescer, tais como feijão, alpiste, etc.

*Oásis*

Coloquem areia numa caixa. Façam algumas colinas e vales. Coloquem pedras meio enterradas, para que somente uma parte delas seja visível. A parte do oásis propriamente dito, poderá ser feita com palmeiras de papelão e uma lagoazinha feita com espelho.

*Aquário*

Só é preciso arranjar um vidro relativamente grande e que tenha boca larga. Coloquem peixes, plantas e pedras. O aquário é um excelente modo de se observar como os animais e as plantas vivem juntos e auxiliam-se mutuamente.

(Cont. da pág. 33)

Depois faça uma lista a ser seguida:

1. Se sentirem cheiro de queimado durante a noite, acordem a família.
2. Permaneçam calmos.
3. Chamem os bombeiros. Se não souberem o número, disquem 00 e peçam o auxílio da telefonista.
4. Se o ar estiver cheio de fumaça, deem-se no chão, onde o ar será um pouco melhor.
5. Nunca entrem num prédio em chamas.

Quando todos tiverem tomado conhecimento do conteúdo da lista, coloque numa caixa pedacinhos de papel contendo o nome de cada aposento da casa. Cada familiar deverá escolher um e contar o que fará se o fogo estiver nesse cômodo, como usará os recursos conhecidos para poder escapar, etc. Isso poderá tornar-se um jogo bem interessante, pois além de instruir a família, propiciará oportunidade de improvisarem situações, algumas até bem divertidas.

## PROGRAMA SUGERIDO

## 3.ª semana

**Hino:** "Deus de meus pais," n.º 58.

**Oração:**

**Canção Folclórica:** Por toda a família.

**Lição:**

**Objetivo:** Ajudar cada membro da família a ter um verdadeiro sentimento de amor e adoração para com o Pai, o que deverá ser mostrado através de suas ações.

**Memorização:** Moisés 2:29.

**Atividade:** Como agir em caso de incêndio.

**Hino:** "Comigo habita," n.º 38

**Oração:**

**Lanche:** Croquetes de arroz.

---

## ARTIGO DE CAPA

*Hélio da Rocha Camargo*

---

Às margens do rio São Francisco, o grande "rio da unidade nacional," rico em tradições, um quadro típico do sertão brasileiro se apresenta em todo o seu colorido regional. Um saveiro ergue a vela triangular que o vento enfuna convidando para a aventura de uma viagem calma e balouçante sobre as águas turvas.

Na barranca pavimentada de pedras acumulam-se os produtos do artesanato regional. São gamelas e moringas coloridas, potes, tijelas e vasos amontoados em desordem. Alguns balaies feitos de taquara trançada completam o conjunto.

Uns poucos sertanejos cuidam de seu labor pausado e calmo. Vestem-lhes o corpo a simplicidade que o clima aconselha e a pobreza impele: calça e camisa de algodão e um rústico chapéu de palha na cabeça.

Embora recente, a fotografia retrata um quadro que o lápis de qualquer artista poderia ter surpreendido dois ou três séculos atrás. Nada para traír a influência do progresso: a cerâmica é manual, o barco move-se ao impulso milenar dos ventos, os tecidos grosseiros são daqueles que se podem produzir num tear caseiro, com fibras de algodão obtidas na própria zona; os chapéus, as gamelas, os balaies, tudo enfim, é obra artesanal do mesmo tipo que sempre se usou em nossa terra, desde os primeiros dias da colonização.

Brasil de hoje, Brasil de 400 anos atrás.

Mal se pode crer que se tenha estagnado por tantos anos num estágio rudimentar da civilização, uma tão vasta área do país, enquanto o progresso do litoral acompanhava o das nações mais adiantadas do globo.

Finalmente uma aragem de progresso começa a bafejar o interior e o nordeste. Este mesmo rio São

Francisco, vasto e calmo, que por séculos lançou inútilmente suas águas na voragem da cachoeira de Paulo Afonso pouco adiante do lugar aqui focalizado, corre hoje domesticado pelas tubulações de uma possante usina hidrelétrica, gerando a energia que há de iluminar e redimir o sertão.

Breve virão as fábricas substituir o artesanato. A cerâmica industrial com suas formas estereotipadas varrerá das margens do rio o colorido vivo e ingênuo e as formas bizarras que a inventiva artística dos oleiros manuais empresta às suas obras. A matéria plástica reinará em todos os setores, os barcos providos de motores singrarão as águas plácidas em grande velocidade, quebrando o sagrado silêncio das paragens sertanejas com seu roncar impertinente. Os nostálgicos cantadores espontâneos calarão suas vozes quando os rádios começarem a inundar os ares com suas melodias pré-fabricadas e alheias aos anseios do homem simples da terra, cantadas por imitadores sem brilho nem imaginação que arremedam palavras e trejeitos de cantores de outras terras.

O velho Brasil, saboroso e único de nossa infância, será substituído pelos produtos pré-moldados da sociedade industrial. O progresso é irreversível.

Creio que os anos já me começam a pesar e que o saudosismo faz-me côr-de-rosa os desconfortos e os anacronismos com que fui criado nos dias da meninice, mas não posso olhar para uma cena como a que hoje estampamos sem sentir a nostalgia e o sabor agridoce das recordações da infância.

Gostaria de apelar dramática e sinceramente à geração que surge para substituir-nos um dia em nossas posições: procurem salvar da voragem da padronização industrial, um pouco ao menos do sabor nativo de nossa terra. Insistam em conservar a nossa identidade nacional para que não nos transformemos ingloriamente naquilo que o poeta chamou de "macaqueação cabocla do europeu."

Se de todos os demais lugares tiver de ser banido o passado rico de seiva e tradições que nossos progenitores nos legaram, que ao menos reste no coração dos que nos sucederem um canto onde entesourem as memórias deste Brasil querido dos saveiros levados ao sabor do vento ao longo do rio, este rio que canta dueto com o canoeiro rijo e curtido de sol; Brasil das gamelas e balaies, das panelas de pedra e dos pilões, dos chapéus de palha e dos cantadores repentistas que desfolham versos nas noites de lua cheia; este Brasil de nossos dias, mas que rápido se esvai, tragado pelo progresso despersonalizante.

Progridamos, sejamos modernos, acompanhemos a marcha da civilização que agora se lança à conquista das estrélas, mas não nos deixemos moldar por uma fôrma única e padronizada, vestindo como o mundo todo se veste, (mesmo que o clima aconselhe coisa diferente) cantando o que os compositores de toda a parte nos impingem, mesmo quando ao nosso espírito brasileiro pareça ridículo e indecente o que cantam e fazem; cortando os cabelos ou deixando-os crescer segundo a fantasia desmiolada dos jovens blasés, produtos de velhas civilizações em decadência; falsificando o amor, deturpando-o, abastardando-o segundo os moldes que de fora nos impõe o cinema, a televisão, o teatro.

Progridamos, sim, mas conservemos o que de bom e sagrado nos legaram os antepassados e assim contribuiremos com alguma coisa de valor permanente para a felicidade dos nossos descendentes, ao mesmo tempo que gozaremos a suprema alegria de sentirmos que somos autênticos, que somos nós mesmos, orgulhosos do passado, conscientes do presente e esperançosos no destino futuro que imprimiremos à nossa Pátria, que Deus nos concedeu a fim de que fôssemos brasileiros e não imitadores das perversões e desencantos originados em qualquer outra parte do mundo; meros repetidores sem imaginação, de tudo quanto nos queiram impingir.



22 DEC 1966